



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

JOSMAN RAIMUNDO DE SOUSA JÚNIOR

**PSICOTERAPIA E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: UMA ANÁLISE DA
PERSPECTIVA DE ESTAGIÁRIOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA DA UFMA.**

São Luis

2021

JOSMAN RAIMUNDO DE SOUSA JÚNIOR

**PSICOTERAPIA E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: UMA ANÁLISE DA
PERSPECTIVA DE ESTAGIÁRIOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA DA UFMA.**

Dissertação apresentada como requisito parcial, para
obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-
graduação em Psicologia da Universidade Federal do
Maranhão.

Orientadora: Profa. Dra. Cristianne Almeida Carvalho

São Luis
2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa Júnior, Josman Raimundo de.

PSICOTERAPIA E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA : PERSPECTIVA DE
ESTAGIÁRIOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA DA UFMA / Josman
Raimundo de Sousa Júnior. - 2021.

70 p.

Orientador(a): Cristianne Almeida Carvalho.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São
Luis, 2021.

1. Formação do Psicólogo. 2. Psicologia Clínica. 3.
Psicoterapia. I. Almeida Carvalho, Cristianne. II.
Título.

JOSMAN RAIMUNDO DE SOUSA JÚNIOR

**PSICOTERAPIA E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: UMA ANÁLISE DA
PERSPECTIVA DE ESTAGIÁRIOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA DA UFMA.**

Dissertação apresentada como requisito parcial, para
obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-
graduação em Psicologia da Universidade Federal do
Maranhão.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristianne Almeida Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Andrea Duarte Pesca (membro avaliador efetivo)
Centro universitário de Curitiba

Profa. Dra. Catarina Malcher Teixeira (membro avaliador efetivo)
Universidade Federal do Maranhão

A minha família e amigos, sem vocês eu não estaria aqui.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão à minha família... Foi um sacrifício em conjunto para que essa jornada se tornasse real.

À minha orientadora Cristianne Carvalho, por toda sua paciência, parceria e compreensão. Por acreditar em mim até o último instante.

Às professoras Catarina Malcher e Andrea Pesca, por aceitarem participar da minha banca de qualificação.

Ao meu amigo e mestre Jardson Fragoso... Toda essa trajetória foi graças a você. Você me mostrou o caminho.

Ao Prof. Ramon Alcântara, por ter servido de ponte para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos meus amigos em Salvador, por sempre estarem ao meu lado, mesmo com toda essa distância.

À minha família africana aqui em São Luís, em especial ao Anacleto e o Joseph que abriram as portas para me receberem nesta terra.

À minha amiga e eterna parceira neste mestrado Carol, por todo seu apoio, suporte e principalmente amizade.

À minha namorada Renayde, por partilhar dessa trajetória comigo, por ser minha revisora e apoiadora incondicional.

Aos meus amigos Railson e Ascemiro, por toda a preocupação, incentivo e disponibilidade.

À minha amiga Vanessa, por partilhar as angústias e conquistas comigo nessa extensa jornada.

À Universidade Federal do Maranhão, por ser este espaço de desenvolvimento crítico e reflexivo... Saio um profissional muito melhor.

Aos professores do Curso de Pós-Graduação em Psicologia, por toda a dedicação e empenho com a nossa formação.

Aos estagiários que cooperaram com essa pesquisa, sem a contribuição de vocês, não seria possível concluirmos esse trabalho.

Ao grupo de pesquisa, pelas ricas contribuições nas discussões e apoio nessa pesquisa.

“Na tentativa de aprimoramento pessoal e na busca de uma atuação profissional que beneficie o cliente, nós clínicos tentamos ampliar nossos conhecimentos e limites, de forma que estes não constituam empecilhos, ao contrário, possam facilitar a condução do processo clínico, que é a nossa principal tarefa.”
Otero (2012, p.205)

RESUMO

As implicações para uma atuação no fazer clínico em Psicologia, demandam para além das competências do(a) psicólogo(a), aspectos pessoais que se fazem relevantes, principalmente quando se trata de um(a) psicoterapeuta iniciante. Considerando que a formação de um profissional ocorre ao longo da graduação e sua aproximação com a prática profissional mais diretamente quando os discentes se deparam com os estágios supervisionados, a presente pesquisa escolheu como participantes estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão que já pudessem falar de suas experiências no estágio supervisionado em Psicologia Clínica. Assim, esse estudo se define como exploratório e descritivo e tem como finalidade principal investigar sobre o lugar da psicoterapia e sua relação com a formação e a prática clínica em Psicologia, a partir da perspectiva dos estagiários da área clínica do curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Como objetivos específicos investigar psicoterapia como ferramenta para a formação em Psicologia e descrever as relações entre a psicoterapia como processo pessoal para os discentes e sua influência na atuação profissional na área clínica. Para alcançar tais objetivos utilizou-se a técnica de entrevista e um roteiro semiestruturado, analisado pelo método fenomenológico elaborado por Amadeo Giorgi. Como fundamentos buscou-se base nos estudos sobre a história da Psicologia no Brasil como ciência e profissão, sobre a prática clínica e a psicoterapia, além de documentos e normas regulamentadoras do ensino em Psicologia. Dentre os fenômenos encontrados destacam-se de 5 (cinco) unidades de sentido encontradas a partir das experiências dos entrevistados relatadas nas entrevistas, as quais sinalizam aspectos relevantes na relação entre psicoterapia, formação e estágio na área clínica, são elas: experiência do estágio, ajuda profissional, autoconhecimento, acessibilidade e questões pessoais. A partir destas unidades de sentido foi possível concluir que os estudantes percebem a psicoterapia e a experiência do estágio como um momento crucial da sua formação, bem como a importância de vivenciarem a psicoterapia como um processo de autoconhecimento benéfico à sua vida, apesar apresentarem obstáculos para o acesso e engajamento no processo psicoterapêutico. Espera-se com essa pesquisa colaborar com outros estudos e reflexões para esse tema.

Palavras-chave: Psicoterapia; Psicologia Clínica; Formação do Psicólogo.

ABSTRACT

The implications for acting in clinical practice in Psychology demand, besides the skills of the psychologist, personal aspects that become relevant, especially when dealing with a beginning psychotherapist. Considering that the training of a professional occurs throughout graduation and his/her approach to professional practice occurs more directly when students are faced with supervised internships, the present research chose as participants Psychology students from the Federal University of Maranhão who could speak of their experiences in the supervised internship in Clinical Psychology. Thus, this study is defined as exploratory and descriptive and its main purpose is to investigate the place of psychotherapy and its relationship with training and clinical practice in Psychology, from the perspective of interns in the clinical area of Psychology course at the Federal University Maranhão (UFMA). As specific objectives, it intends to investigate psychotherapy as a tool for training in Psychology and describe the relationship between psychotherapy as a personal process for students and its influence on professional performance in the clinical area. To achieve these objectives, the interview technique and a semi-structured script were used, analyzed by the phenomenological method developed by Amadeo Giorgi. As a basis, it was used studies on the history of Psychology in Brazil as a science and profession, on clinical practice and psychotherapy, in addition to documents and regulatory standards of teaching in Psychology. Among the phenomena found, there are 4 (four) units of meaning found from the interviewees' experiences reported in the interviews, which signal relevant aspects in the relationship between psychotherapy, training and internship in the clinical area, they are: internship experience, professional help, self-knowledge, accessibility and personal issues. From these units of meaning, it was possible to conclude that students perceive psychotherapy and the internship experience as a crucial moment in their training, as well as the importance of experiencing psychotherapy as a process of self-knowledge beneficial to their lives, despite presenting obstacles to access and engagement in the psychotherapeutic process. This research is expected to collaborate with other studies and reflections on this topic.

Keywords: Psychotherapy; Clinical psychology; Psychologist Training

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 Artigos encontrados.....	34
Tabela 2 Distribuição dos estagiários por abordagem.....	37
Tabela 3 Distribuição por período de início do curso.....	39
Quadro 1 Unidades de Sentido Principais.....	40
Gráfico 1 Distribuição das unidades de sentido.....	41
Quadro 2 Unidades relacionadas em Experiência do Estágio.....	42
Quadro 3 Unidades relacionadas em Ajuda Profissional.....	45
Quadro 4 Unidades relacionadas em Autoconhecimento.....	50
Quadro 5 Unidades relacionadas em Acessibilidade.....	51
Quadro 6 Unidades relacionadas em Questões Pessoais.....	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS.....	14
1.1.1 Objetivo Geral.....	14
1.1.2 Objetivos Específicos.....	15
2. PSICOLOGIA NO BRASIL: CIÊNCIA, PROFISSÃO E FORMAÇÃO	155
2.1 HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO.....	17
2.2 FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA.....	20
3. PSICOLOGIA CLÍNICA: UMA PRÁTICA PROFISSIONAL	244
3.1 HISTÓRIA DA PSICOLOGIA CLÍNICA: UM BREVE RELATO.....	25
3.2. PSICOTERAPIA NA PRÁTICA CLÍNICA	28
4. METODOLOGIA.....	33
5. DISCUSSÃO E RESULTADOS	38
5.1 PERFIL DO COLABORADOR.....	38
5.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	39
5.2.1 Experiência do estágio.....	41
5.2.2 Ajuda especializada.....	45
5.2.3 Autoconhecimento.....	49
5.2.4 Acessibilidade.....	51
5.2.5 Questões Pessoais.....	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE A	655
APÊNDICE B.....	666
ANEXO I	677
ANEXO II.....	68
ANEXO III.....	69

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada: a Psicoterapia e Formação em Psicologia: Uma Análise da Perspectiva de Estagiários em Psicologia Clínica da UFMA, surge a partir da minha experiência enquanto graduando, quando, ao longo desses anos, ouvi, por diversas vezes, o apelo dos professores sobre a necessidade de buscar a psicoterapia pessoal durante do processo de formação, pois o tornar-se psicólogo não elimina as experiências pessoais.

Na minha realidade como graduando e estagiário não foi diferente: os conteúdos abordados nos componentes curriculares e o contato com a atuação na Psicologia Clínica proporcionaram mudanças significativas em minha vida, levando-me a refletir sobre a importância de o estudante submeter-se ao processo psicoterapêutico. Diante de uma realidade, onde observei que poucos foram os discentes que buscaram a psicoterapia como processo pessoal, emergiram os seguintes questionamentos: como graduandos de psicologia percebem a psicoterapia? A psicoterapia seria uma possibilidade de contribuir para a sua formação e atuação profissional, a partir de seu conhecimento pessoal? A curiosidade pessoal transformou-se em curiosidade científica e, a partir do referencial fenomenológico, decidi compreender como os estagiários de psicologia clínica da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) percebem a psicoterapia em sua formação.

Ao iniciar a sua formação, o estudante se depara com um currículo diversificado que contempla fundamentos teóricos, práticos e metodológicos para uma formação generalista, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) que estipulam quais conhecimentos, habilidades e competências são esperados pelo graduado em Psicologia, tendo sua base voltada para o tripé, ensino, pesquisa e extensão. As DCN apontam ainda, para um núcleo comum de formação, a partir do qual espera-se alcançar o desenvolvimento necessário para atuação. Com isso, tem-se uma formação generalista, proposta pela normativa central que regulamenta os cursos de Psicologia no Brasil. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

Apesar de ser um documento regulatório nacional, as DCN possibilitam que as instituições de ensino tenham certa autonomia administrativa na composição dos seus cursos. Deste modo, a organização dos cursos de graduação em Psicologia no país segue um padrão proposto pelas DCN, mas com a possibilidade de atender demandas específicas conforme suas próprias estruturas, tais como composição do seu corpo docente, oferta de disciplinas e campos de estágio, de acordo com as demandas mercadológicas e o perfil de egresso considerando o contexto social e regional no qual estão inseridas. Desta maneira, a formação

em Psicologia poderá apresentar diferenças nas propostas curriculares entre as instituições, no que tange às diferentes áreas de atuação, ênfases curriculares e abordagens teóricas. (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

Não obstante, o discente em Psicologia após transitar o conhecimento das diversas abordagens teóricas e seus objetos de estudo é orientado a escolher uma delas para fundamentar sua prática e todo o arcabouço teórico-prático que acumulou nos anos de sua formação. A formação generalista possibilita ao egresso atuar em qualquer uma das áreas de atuação da Psicologia, ainda que precise buscar uma especialização a fim aprofundar seus conhecimentos no campo escolhido. Esta escolha pode ser bastante conflitante devido à quantidade de possibilidades que se apresentam a ele, pois conforme Resolução CFP nº 18 de 05 de setembro de 2019, do Conselho Federal de Psicologia as áreas de especialidade são:

Psicologia Escolar/Educacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia de Trânsito; Psicologia Jurídica; Psicologia do Esporte; Psicologia Clínica; Psicologia Hospitalar; Psicopedagogia; Psicomotricidade; Psicologia Social; Neuropsicologia; Psicologia em Saúde; Avaliação Psicológica (p. 03).

A psicologia clínica é uma das práticas profissionais mais tradicionais da Psicologia, diferente das demais áreas de atuação, é onde a diversidade teórica e metodológica se apresenta de forma relevante, bem como recursos e ferramentas para sua aplicação. A psicoterapia¹ é uma dessas ferramentas, talvez a mais conhecida e difundida. Tal diversidade, em alguns momentos, pode gerar tensões e conflitos entre a própria categoria de profissionais, uma vez que ainda é discutido se tal ferramenta é de exclusividade dos psicólogos. Discutiremos mais a frente esse assunto, mas cabe aqui uma definição de psicoterapia. Para Ribeiro (2013, p. 38-39) é,

[...] um processo de envolvimento, no qual duas pessoas se encontram numa relação profunda e significativa, e no qual o psicoterapeuta desempenha e vive a função de agente de mudança e o cliente experimenta situações passadas, presentes e futuras, procurando compreendê-las através da vivência no presente, convivendo com emoções, fantasias e sentimento, tentando encontrar saídas novas para o seu modo de estar no mundo, como um todo.

Logo, a psicoterapia pode ser entendida como um recurso da prática clínica do psicólogo, mas também pode se constituir como um instrumento útil durante a sua formação,

¹ Na literatura assim como no senso comum são utilizados diversos sinônimos para a palavra “Psicoterapia”, o mais comum é a expressão “terapia”, esta tem sua origem no grego, contudo este termo refere-se a todo tipo de cuidados, médicos e ou cirúrgicos, relacionados aos doentes e na atualidade é amplamente utilizado entre os demais profissionais de saúde. Enquanto a expressão “psicoterapia”, refere-se aos cuidados psicológicos do indivíduo, sendo referendado ainda pela Resolução CFP nº 10/00 do Conselho Federal de Psicologia desta forma para o presente estudo optou-se pelo uso deste termo, (2000). (REZENDE, 2010).

considerando que o autoconhecimento obtido através da psicoterapia, pode favorecer sua atuação profissional nos seus mais diversos âmbitos profissionais e pessoais.

Falcone (2006), ao realizar uma revisão da literatura, buscando identificar quais são os possíveis fatores prejudiciais ao psicoterapeuta, afirma que o estudante que parte para prática psicoterapêutica passa a experimentar uma série de prejuízos advindos da sua atuação que podem ter como origem três causas: a primeira, refere-se às condições de trabalho, pois estas podem se tornar aversivas a depender das relações com os seus colegas de profissão ou de outras áreas, do tipo de demanda trazida pelos seus clientes, ou ainda a partir de uma relação aversiva que o recém-graduado pode estabelecer com seu local de trabalho.

A referida autora apresenta como segundo fator causal, atitudes oriundas dos seus clientes tais como: suicídios ou tentativas de suicídios, hostilidade, invasão à sua privacidade e vida pessoal e problemas quanto a pagamentos, frequência e atrasos. O último fator citado é a forma como a psicoterapia impacta diretamente a pessoa do psicoterapeuta, que pode manifestar estresse em função da preocupação relativa aos clientes, de atendimento como momento de alta da psicoterapia, sentir-se responsável pelo bem-estar deles, ter dúvidas acerca dos resultados esperados, dentre outros.

Diante do exposto, é possível pensar que o psicoterapeuta pode recorrer à supervisão para auxiliá-lo com os entraves que se apresentarem durante o processo clínico. Entretanto, é necessário ressaltar que a supervisão e a prática da psicoterapia trazem consigo semelhanças; contudo, ao surgirem questões do psicoterapeuta na supervisão, o direcionamento de tais questões ocorrerá para a melhor condução dos atendimentos dos casos clínicos e para o desenvolvimento das habilidades psicoterapêuticas, de modo que o psicoterapeuta seja direcionado a identificar e trabalhar suas demandas pessoais em um processo de psicoterapia pessoal (TSAI *et al.*, 2011).

Assim, fica visível a complexidade dos conflitos pessoais e como a psicoterapia é um dos caminhos para tratá-los, bem como o psicólogo e psicoterapeuta podem se afetar por diversas questões pessoais e necessitam recorrer a um trabalho de autoconhecimento como a psicoterapia se propõe. Considerando que o graduando vai deparar-se com essa realidade ao iniciar sua prática, no curso de psicologia muitos professores já antecipam a necessidade de um trabalho pessoal de autoconhecimento ao longo do curso. No entanto, até que ponto essa necessidade é absorvida ou reconhecida pelos alunos em formação?

Submeter-se à psicoterapia deve ser uma atitude genuína e espontânea para resolver suas próprias questões e conflitos, indicando um reconhecimento que também pode ser afetado pelos males que levaram seus pacientes até o consultório. Deste modo, submeter-se à

psicoterapia não pode ser encarado como uma etapa meramente didática da formação (CALLIGARIS, 2004).

Mesmo tendo ciência disso, acredita-se que poucos devem ser os graduandos que buscam a psicoterapia como processo pessoal. Diante desse cenário, alguns questionamentos se fazem presentes e justificam essa pesquisa. Qual o lugar da psicoterapia no processo de formação para os discentes de Psicologia? A psicoterapia como processo pessoal contribui na formação para a prática clínica? Quais as expectativas dos estagiários da área clínica para uma atuação profissional? Seria a psicoterapia um recurso para auxiliar na sua formação e atuação?

Portanto, considerando a importância da psicoterapia como processo pessoal e como uma ferramenta da prática clínica como área de atuação da psicologia, diante dos escassos estudos sobre o tema, justifica-se o estudo desse fenômeno como objeto dessa pesquisa para conhecer a percepção dos graduandos sobre a psicoterapia. Tomando como base a perspectiva histórica da psicologia, problematizando assim a sua constituição e a instituição dos cursos de formação, conforme propõe Jacó-Vilela (2012). Buscando ainda, discutir a atuação na Psicologia Clínica, visto que esta prática ainda permeia a formação em Psicologia de forma proeminente e que a atuação do psicólogo neste campo apresenta implicações para além do âmbito profissional (CARVALHO et al., 2019; OTERO, 2012).

A presente pesquisa pretende colaborar com a produção de conhecimento e reflexões para a formação em Psicologia nessa temática, que, segundo Kichler e Serralta (2014), carece de mais estudos voltados para a formação do psicólogo com foco na percepção do estudante. Assim, propõe-se esta pesquisa intitulada “A Psicoterapia e Formação em Psicologia: Uma Análise da Perspectiva de Estagiários em Psicologia Clínica da UFMA.” Desta forma, erigiu-se o método fenomenológico proposto por Amadeo Giorgi (1989), pois essa metodologia se apresenta voltada para a descoberta empírica, entendendo-a como prática da ciência. Neste sentido, essa proposta revela-se útil para esta pesquisa visto que o presente campo qualifica este estudo como exploratório e qualitativo, conforme será abordado posteriormente.

1.1. OBJETIVOS

1.1.1. Objetivo Geral

Analisar a relação entre psicoterapia, a formação e a prática clínica em Psicologia, a partir da perspectiva dos estagiários da área clínica do curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

1.1.2. Objetivos específicos:

- Descrever possíveis relações entre a prática clínica e a psicoterapia para os estagiários de psicologia da UFMA na área clínica;
- Investigar o lugar da psicoterapia na formação em Psicologia a partir dos estagiários de Psicologia;

Para alcançar tais objetivos a presente pesquisa, discorre brevemente sobre a história da Psicologia para ilustrar sua trajetória como ciência e profissão no cenário nacional, direcionando a discussão para a constituição dos cursos de formação e da estrutura curricular. Posteriormente apresentam-se reflexões sobre a prática clínica como umas das especialidades do profissional da Psicologia e a psicoterapia como ferramenta importante desse fazer. Após apresentação da metodologia adotada para esta pesquisa, o último capítulo analisa as narrativas dos discentes e discute os fenômenos encontrados.

2. PSICOLOGIA NO BRASIL: CIÊNCIA, PROFISSÃO E FORMAÇÃO

Para pensar a formação em Psicologia faz-se necessário revisitar o seu percurso como ciência, pois o seu surgimento e consolidação no ambiente acadêmico está intrinsecamente ligado à sua afirmação como disciplina científica e campo profissional. Além disso, contextualizar algumas análises do objeto de estudo em questão. Deste modo, esta seção tem como finalidade apresentar de forma breve o trajeto percorrido pela Psicologia culminando no surgimento dos cursos de Graduação no Brasil. De acordo com Vilela (2012) conhecer a psicologia a partir de sua perspectiva histórica possibilita questionar os saberes produzidos a respeito do ser humano.

Estabelecer o traçado histórico da Psicologia e do surgimento dos cursos de graduação constitui uma tarefa desafiadora ao se considerar a pluralidade de saberes sobre os quais a Psicologia se sustenta como ciência da Modernidade, onde o seu próprio surgimento com os estudos de Wilhelm Wundt (1832 – 1920) e William James (1842 – 1910), os quais basearam-se nos princípios de uma ciência natural, visando atender aos critérios do conhecimento científico, inaugurando, assim, a Psicologia moderna. Contudo, muitas foram as dificuldades para a Psicologia se estabelecer no eixo das ciências da natureza, pois dedicava-se a estudar

um objeto complexo e dinâmico que fugia dos parâmetros metodológicos naturais, mais tarde configurando-se também no campo das ciências humanas com a contribuição da proposta empírico-descritiva de Dilthey ²(1833 – 1911). Esta configuração da ciência psicológica a coloca como uma área diversa, dificultando o trabalho daqueles que se propõem a apresentar de forma sistemática este processo (GOMES, 2008; ABIB, 2009).

Para entender melhor esse cenário, Massimi, Campos e Brozek (2008, p. 69) apresentam uma divisão da história da Psicologia em “História da Psicologia Científica” e “História da Psicologia das Ideias”, pois cada uma dessas possui maneiras específicas para serem abordadas enquanto objetos de estudo. Porquanto, a História da Psicologia Científica enquadra-se no âmbito da História da Ciência e consequentemente sustenta-se nos filósofos da ciência moderna. Quanto à História da Psicologia das Ideias, ocupa-se em estudar o contexto sociocultural nos quais surgiram concepções, costumes e convenções.

Entretanto, Massimi (2008) acrescenta que o objeto de estudo nomeado como “ideias psicológicas” pode ser descrito como:

[...] todas as elaborações conceituais e todas as práticas de intervenção com indivíduos e grupos, geralmente definíveis como “psicológicas”, mas formuladas e aplicadas em épocas anteriores ao advento da Psicologia científica, por diferentes culturas e em diversos contextos geográficos e sociais.

Para a autora, esta compreensão retoma a ideia da pluralidade dentro da Psicologia, uma vez que, ao debruçar-se sobre o objeto da História das Ideias Psicológicas, percorrer-se-á por diversos campos já instituídos onde estas ideias emergem, de tal modo que se encontra com a própria História das Ciências. Neste sentido, a história da Psicologia no Brasil retorna ao seu período colonial, no qual é possível encontrar conceitos precursores de uma Psicologia que se desenvolve juntamente com a própria sociedade brasileira entrelaçando-se posteriormente com o seu surgimento enquanto ciência.

Para Jacó-Vilela (2001), nesse período têm-se na sociedade euro-ocidental um sujeito subjetivado pela ideia de um Deus cristão que estabelece os papéis de cada um na hierarquia social, onde o sujeito encontrará nas práticas religiosas, o caminho para a sua purificação e dos demais. Tal prática pode ser compreendida no âmbito das ideias psicológicas como precursora da escuta clínica, umas das formas de exercício da Psicologia Clínica.

² Dilthey propõe que o método de investigação empírica embasado nas ciências naturais não seria capaz de apreender a dimensão vivencial e psíquica da experiência dos indivíduos, mas sim a partir da compreensão destes. (SASS, 2019)

2.1. HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO

Ao se buscar os primeiros passos da Psicologia como ciência e profissão no Brasil, a partir do exposto sobre “ideias psicológicas” encontra-se o mundo europeu no século XVI, onde os portugueses conseguiram se sobrepôr aos conflitos com Espanha, França e Holanda pelo domínio do território brasileiro. O Brasil, enquanto colônia extrativista, não teve acesso ao desenvolvimento cultural, excetuando-se pela instalação de colégios religiosos, predominantemente jesuítas, a partir dos quais começam a ser inseridas ideias que preludiam uma psicologia, voltada para a compreensão do homem e sua doutrinação e tendo foco maior nas crianças indígenas e também para o ensino de portugueses que vieram povoar a nova colônia. (JACO-VILELA, 2012; ANTUNES, 2012).

Por aproximadamente 300 anos, a Companhia de Jesus esteve na vanguarda do desenvolvimento intelectual da então colônia portuguesa. Tendo escritos que abordavam questões psicológicas, contudo ainda sem discriminá-las como tal, estas produções estavam atreladas a campos como a Pedagogia, Medicina, Filosofia, Teologia, Moralidade, dentre outros. É notório também que estas ideias se apresentam de forma insurgente e que estas contradições se permearam nos saberes psicológicos. Esta hegemonia começa a mudar a partir do século XVIII, com o avanço das ideias iluministas, culminando no século XIX com a vinda da coroa portuguesa para o Brasil. (ANTUNES, 2012; CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 6ª REGIÃO, 2011; MASSIMI, 2005a).

A instalação da família real no Brasil no início do século XIX, inaugura uma nova etapa de desenvolvimento em todos os âmbitos da sociedade brasileira, passando o Estado a assumir a responsabilidade pelas questões básicas dos cidadãos, tais como saúde e educação. Em decorrência disso, surgem diversas instituições atreladas a essas duas grandes áreas. Juntamente a este cenário, temos um momento de transição nas concepções de homem e nas suas relações com o corpo. Neste período, algumas dessas mudanças servem de base para o que viria ser a Psicologia; por exemplo, a concepção de que o “eu” ou “espírito” é passível de ser abordado como objeto de estudo, seguido da expansão das ideias positivistas no Brasil, que ocupam o lugar que pertencia à fé. Deste modo, é possível afirmar que o século XIX foi promissor para o avanço das ideias psicológicas (ANTUNES, 2012; MASSIMI, 2005b; VILELA, 2012).

No ano de 1890, o Brasil se encontra em meio à transição de Império para República; após um período no qual enfrentou diversas revoltas, o modelo monarquista encontra-se fragilizado e, na tentativa de subsistência, fomenta ações que resultam em um maior acesso ao

desenvolvimento intelectual. Com isso, as entradas de ideais republicanos, democráticos e abolicionistas compõem o substrato para essa mudança do regime governamental. Neste processo, a sociedade brasileira começa a se apoiar em novas concepções, resultando na reorganização social. Assim, uma nova perspectiva de homem social faz-se necessária para consolidação deste novo período, momento em que a Psicologia começa a se consolidar enquanto ciência apresentando os recursos para subsidiar a concepção deste novo ser social que está se formando na sociedade brasileira, a partir de suas contribuições na educação. (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 6ª REGIÃO, 2011; VILELA, 2012).

Massimi (2005b) acrescenta que a consolidação da Psicologia como ciência e as mudanças sociopolíticas que ocorrem durante o século XIX no Brasil acarretam a inclusão da Psicologia no currículo de diversas instituições de ensino no país. Esta transição da Psicologia, para se tornar uma disciplina, acentua-se após a segunda metade do século, com a profusão do positivismo afastando a academia da égide da igreja e colocando-a definitivamente sobre uma base cientificista.

Nesse contexto, aparece como um dos marcos dessa mudança o surgimento das Escolas Normais, onde vê-se o estudo da Psicologia aplicada ao ensino, como exemplifica Massimi (2005b, p. 166): “No curso normal anexo à Escola Americana, fundada em São Paulo em 1870, por obra de membros da Igreja Presbiteriana, o currículo inclui a matéria Psicologia aplicada ao desenvolvimento da criança”.

Massimi (2008) eleva a compreensão desse contexto ao explicitar que, na segunda metade do século XIX, existia um movimento de afastamento do passado colonial e, por consequência das ideias ligadas à psicologia que remetesse ao período colonial, onde as ideias psicológicas presentes na sociedade advinham de concepções sustentadas pela Igreja Católica. Pois o Brasil buscava se afirmar enquanto nação moderna ocidental e por se dedicar a reescrever os saberes produzidos na Europa, com ênfase nas grandes nações como França e Inglaterra, mas também, e principalmente, nos Estados Unidos.

Deste modo, é possível observar as mudanças vivenciadas na Psicologia a partir das influências do saber psicológico difundido mundialmente, seja na sua prática profissional, principalmente atrelada à atuação na educação e na medicina. Seja como disciplina nos cursos de graduação de outras áreas de conhecimento, tais como: Filosofia, Medicina, Direito e Pedagogia. (LISBOA; BARBOSA. 2009; MELO, 2016)

No final do século XIX e primeiras décadas do século XX, a Psicologia começa a inserir-se também na indústria e instituições devido à expansão industrial brasileira, onde, ao se apropriar da Administração científica advinda das ideias de Taylor, os instrumentos

psicológicos passam a ser utilizados nos processos de recrutamento e seleção. Como já citado, outro setor no qual a Psicologia moderna ganha espaço no Brasil nesse período é na educação, onde também passa a utilizar de seus instrumentos de avaliação e métricas desenvolvidas, no intuito de uma racionalização dos processos educacionais. Neste mesmo período ocorre a institucionalização da educação e a replicação das ideias tayloristas nesse contexto. (ANTUNES, 2012; GUERRA, 2000; SALVADOR et al., 2000; ZANELLI; BASTOS; RODRIGUES, 2014).

De acordo com Antunes (2012), durante as primeiras décadas do século XX a Psicologia se estabelece como ciência autônoma e torna-se base para a formação dos educadores no Brasil, resultando no aparecimento de laboratórios de Psicologia e na expansão das produções científicas neste campo, sendo o Instituto Pedagogium³ um referencial dentre eles, pois tinha um papel basilar na articulação da Pedagogia brasileira (LISBOA; BARBOSA, 2009).

Antunes (2012) apresenta ainda outro segmento que se torna um agregador na expansão da Psicologia: os hospícios, instituições que se estabelecem no Brasil com fins de apoiar a consolidação do segundo reinado e dar sinais de que o país está avançando cientificamente. Tendo uma significativa expansão no início do século passado, esses estabelecimentos, além de uma função política e sanitária, são referência de produção científica no campo da saúde mental e buscam na Psicologia moderna subsídios para a sua atuação, criando novos laboratórios e trazendo ganhos relevantes para a Psicologia brasileira (TEIXEIRA; RAMOS, 2012).

Nesse período, a Psicologia no Brasil segue atuando como ciência normatizadora das práticas nas organizações, nas instituições de ensino e saúde, até aproximadamente a primeira metade do século XX, ganhando cada vez mais espaço mediante um cenário sociopolítico que lhe era favorável, tais como as reformas no ensino realizadas pelos estados na segunda década desse século. A criação da Liga Brasileira de Higiene Mental⁴, em 1923, instituição voltada para a sanitização, incluindo higienização mental, traz grandes contribuições para o avanço da Psicologia, como as Jornadas Brasileiras de Psicologia e a proposição para criação de um gabinete de Psicologia junto às Clínicas Psiquiátricas. Entretanto, apesar das grandes contribuições que emergiram dessa parceria, a referida Liga passou a buscar a melhoria social

³ Segundo Jacó-Vilela (2012), o Instituto Pedagogium surgiu a partir da reforma de Benjamim Constant, sendo reconhecido como o local de nascimento do primeiro laboratório de Psicologia Experimental do Brasil, ocupado primeiramente pelo médico Manoel Bonfim que deixa a medicina e passa a atuar na educação.

⁴ A Liga Brasileira de Higiene Mental criada em 1923, no Rio de Janeiro, reunindo médicos e intelectuais com o objetivo de, a partir dos ideais do movimento higienista, melhorar as condições de vida da população. (JACÓ-VILELA, 2012; MELO, 2016).

a partir da seleção genética e, por conta disso, na década de 30, começa a ocorrer um afastamento da Liga, de nomes considerados expoentes para a Psicologia naquele período (ANTUNES, 2012; JACÓ-VILELA, 2012; SOARES, 2010).

De acordo com Jacó-Vilela (2012) esse panorama culmina no processo de profissionalização no início da década de 60, uma vez que o crescimento das atividades da Psicologia faz com que os profissionais de outros campos (Filosofia, Pedagogia, Medicina) que de algum modo exerciam o fazer psicológico nessa época comesçassem a se organizar em busca dessa demanda, resultando na regulamentação da profissão conforme o Catálogo 50 anos da Psicologia no Brasil: A história da Psicologia no país do Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região (2011, p.12) ao afirmar que:

A Lei 4119 de 27 de agosto de 1962 reconhece a profissão de psicólogo, fixa normas para a atuação profissional e estabelece um currículo mínimo para sua formação. Os campos de atuação são aqueles que se consolidaram como prática no período anterior: clínica, escolar-educacional e organização do trabalho.

Assim tem-se inicialmente a Psicologia ciência inserindo-se nos diversos campos de conhecimento como disciplina sendo considerado a priori um conhecimento relevante apresentado para graduandos dos cursos de áreas como Educação, Ciências Sociais, Filosofia, dentre outros. Em seguida o fazer psicológico foi se formalizando nos campos da saúde, educação e indústrias, o que mais tarde impulsionou o processo de formação em Psicologia, conforme apresentam Lisboa e Barbosa (2009).

2.2. FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

Como já exposto anteriormente, o ensino da Psicologia no Brasil tem seus primórdios a partir do séc. XIX, perpassando pelo surgimento das escolas normais e se consolidando neste cenário entre a última década deste século e a primeira metade do século XX, quando, nesse período, a formação começa a aparecer como uma especialização voltada para cursos específicos. (Lisboa e Barbosa, 2009)

A Psicologia insere-se inicialmente nas Escolas normais como disciplina, sendo adotada como o seu principal referencial teórico-científico. Nestas circunstâncias, têm-se também a expansão de estudos sobre os testes psicológicos, resultando na popularização do seu uso no contexto escolar, com ênfase na aplicação dos testes de inteligência. Diante deste cenário, a Psicologia adquire robustez e torna-se cada vez mais autônoma, com um arcabouço

técnico e teórico próprio, estando presente como disciplina nos cursos de graduação e promovendo um intercâmbio com profissionais de outros países, conquistando seu espaço dentro do contexto social do período (ANTUNES, 2012; CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 6ª REGIÃO, 2011; JACÓ-VILELA, 2012).

Após o marco regulatório da Psicologia em 27 de Agosto 1962 pela Lei nº 4.119, legitimando como profissão, os primeiros movimentos concretos pra uma formação se iniciam, como Lisboa e Barbosa (2009, p. 722) afirmam que

[no] mesmo ano, o Conselho Federal de Educação (CFE) emite o parecer nº 403/62, fixando o currículo mínimo e a duração dos cursos de Psicologia. Esse documento compreende a formação em três níveis, cada qual com uma duração e um foco: bacharelado (4 anos), centrado na formação do pesquisador; licenciatura (4 anos), voltado para a formação do professor de Psicologia e formação do psicólogo (5 anos), dirigido à formação profissional.

Rudá, Coutinho e Almeida Filho (2015) afirmam que esta modalidade curricular se manteve em uso de 1962 a 2004, quando entraram em vigor as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). Trazendo consigo a marca tecnicista, presente na atuação do psicólogo brasileiro. Na constituição do currículo mínimo buscava-se excluir da formação em Psicologia a possibilidade de atuação clínica, pois, durante o período de construção deste havia uma preocupação dos médicos, fortemente representados no Congresso Nacional, com relação a autonomia da Psicologia e seus campos de atuação.

Segundo Antunes (2012), essa pressão afetou inclusive a regulamentação da profissão, pois, suscitava-se dúvidas sobre a legitimidade de os psicólogos exercerem a psicoterapia, situação que só vem ser amenizada após a criação do Sistema de Conselhos de Psicologia. Após diversos debates, se institui o currículo mínimo contendo inicialmente um núcleo comum de componentes curriculares para as habilitações em bacharelado e licenciatura com duração de 4 anos, sendo que estas não possibilitavam o exercício da profissão, mas serviam de base para a formação profissional com a duração total de 5 anos, a partir da qual seria possível atuar enquanto profissional da psicologia. Para Melo (2016), a Psicologia Clínica aparece juntamente com a Escolar, Industrial e do Desenvolvimento, como o foco das propostas curriculares.

Contudo é importante afirmar que, mesmo mantendo a sua estrutura base, este modelo curricular passou por constantes processos reflexivos, que o afetaram, entretanto não foram capazes de produzir mudanças basilares na sua proposta, mantendo-se durante todo este período (1962 a 2004) como uma proposta curricular, disciplinar, com uma forte separação entre teoria e prática, acreditando-se que, a partir da transmissão do conhecimento, era

possível atingir o desenvolvimento necessário para atuação do psicólogo na qual havia o foco na Psicologia Escolar, Clínica, Industrial e do Desenvolvimento (JAPUR, 1996; BERNADES, 2012; RUDÁ; COUTINHO; ALMEIDA-FILHO, 2015; MELO, 2016).

Outro fator relacionado ao ensino da Psicologia que não sofreu muitos impactos com a regulamentação da profissão foi quanto ao corpo docente, pois era composto em sua maioria por filósofos e educadores que se desenvolveram como estudiosos da Psicologia ou que buscaram se especializar fora do país, fazendo com que o ensino do saber psicológico fosse baseado na experiência desses profissionais e em publicações estrangeiras, por não haver uma sistematização das produções científicas no Brasil, no âmbito da ciência psicológica que norteara o seu ensino. Somente durante as décadas de 70 e 80 é que, ao se apropriar destas produções, somado à submissão da sociedade brasileira ao saber psicológico, este cenário começa a se modificar, resultando em um enfoque das reflexões da época para a Psicologia no Brasil e, conseqüentemente, o seu ensino (JACÓ-VILELA, 2012).

Na década de 70, temos ainda os efeitos da promulgação da Lei nº 5.540⁵, de 28 de Novembro de 1968, durante o período da Ditadura, tratando de mudanças no ensino superior, objetivando a abertura deste para atuação da iniciativa privada. Estas instituições veem o crescente interesse na Psicologia, um campo profícuo de investimentos e, visando atender a esta demanda, criam novos cursos de Psicologia. Contudo, estes são considerados de baixa qualidade, devido ao interesse das instituições prestadoras dos serviços em aumentarem os seus lucros. A formação do psicólogo, então, ainda era centrada na reprodução de saberes estrangeiros, que por vezes não refletiam a realidade brasileira, mas eram aplicados sem a adequação necessária. (ANTUNES, 2012; LISBOA; BARBOSA, 2009).

Os anos 80 são citados por Lisboa e Barbosa (2009) como um período sem grandes marcos no desenvolvimento dos cursos de Psicologia na Academia. Os autores afirmam que este período foi conhecido como um período de análise da Psicologia até aquele momento, no qual foi produzido pelo Conselho Federal de Psicologia um estudo sobre o estado da profissão no país. Melo (2016) acrescenta que juntamente a isto ocorre um movimento nas universidades públicas pela valorização e reformulação do ensino, resultando na revisão das graduações de Psicologia até aquele momento, pois havia uma demanda para que o Psicólogo

⁵ Está legislação trata da reforma universitária dos militares, reorganizando o sistema de ensino superior no país, reduzindo a autonomia das universidades, possibilitando uma mudança na estrutura, de modo que o ensino superior passasse a atender uma demanda de mercado, reduzindo a sua capacidade de formação crítica e produção de conhecimento, dessa forma há a flexibilização e liberação de incentivos financeiros para abertura de IES privadas. (GOMES; PINTO, 2017).

modificasse a sua prática, deixando de ser um profissional essencialmente clínico para se tornar um profissional plural.

De acordo com Lisboa e Barbosa (2009) esse debate se amplia na década de 90, no qual soma-se a realização do I Encontro de Coordenadores de Cursos de Formação de Psicólogos pelo Conselho Federal de Psicologia que conta:

[...] com a presença de 98 das 103 agências formadoras do país. O Encontro tratou dos seguintes temas: 1) Princípios que poderiam ser norteadores para a formação acadêmica do psicólogo; 2) De que forma estes princípios podem ser contemplados no currículo? 3) De que forma estes princípios podem ser contemplados nos estágios? (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018, p. 25).

Para além do encontro supracitado, tem-se o surgimento das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conhecida como LDB, que tratou, dentre outros temas, da reforma da Educação Superior, abordando o surgimento de novos cursos, a atuação supervisionada durante a formação e iniciando o processo para construção das Diretrizes Curriculares que tinham como norteadores da sua elaboração o “perfil desejado do formando”, “as competências e habilidades desejadas”, os “conteúdos curriculares”, “duração dos cursos”, a “estruturação modular do curso”, os “estágios e atividades complementares” e “conexão com a avaliação institucional” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018, p. 27-28; LISBOA; BARBOSA, 2009; MELO, 2016).

Após aproximadamente sete anos de debates, foi possível, em 2004, conciliar as propostas, culminando na publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Psicologia CNE/CES nº 8, de 07/05/2004. Em 2011, foi aprovada a Resolução CNE/CSE nº 5, de 15/03/2011 que complementa a anterior regulamentando a formação da Licenciatura em Psicologia, com o objetivo de preparar os psicólogos desenvolvendo as competências necessárias para a atuação profissional, com os seguintes conteúdos: conhecimento da história e dos preceitos epistêmicos da Psicologia, ciência dos seus modelos teóricos-metodológicos, domínio no âmbito da pesquisa científica, capacidade de leitura e interpretação da realidade a partir do seu arcabouço teórico, interação com outras áreas de saber e atuação e a introdução a vivência profissional. De outro modo, o graduando deve articular a teoria com as realidades que se apresentem na sua prática seja capaz do pleno exercício da Psicologia (DAMASCENO et al., 2016; TRAVASSOS; MOURÃO, 2018).

Entretanto, mesmo diante dos avanços propostos a partir da criação e complementação das DCN, Travasso e Mourão (2018), tomando como base as competências descritas como necessária para se graduar em Psicologia, identificaram, em sua pesquisa realizada com

professores atuantes nos cursos de Psicologia no território nacional, que a formação do psicólogo ainda apresenta uma disparidade dentre as competências esperadas e que outros recursos podem se aplicar ao graduando para que este alcance o desenvolvimento almejado para sua prática, dentre os quais a psicoterapia pessoal também seja objeto deste trabalho.

Neste sentido ao se considerar a diversidade de áreas da Psicologia sob a qual Bastos e Gomide (1989) apontam a Clínica, a Organizacional e a Escolar como campos de atuação majoritária dos psicólogos, pode-se afirmar que a atuação profissional no Brasil não se restringiu a estes campos, apesar da sua inegável influência para a consolidação da Psicologia como Ciência e Profissão. Outras áreas de atuação também aparecem no substrato da Psicologia ainda de maneira minoritária: a Docência, a Pesquisa e a Comunitária, como o próprio autor consegue identificar em sua pesquisa.

Corroborando com tais estudos, Carvalho (2012) apresenta, em sua tese de doutorado, que a atuação dos saberes e práticas psicológicas no seguimento das atividades esportivas e jurídicas já começam a se estabelecer como um fazer no Brasil na primeira metade do século XX, juntamente com as áreas tradicionais já citadas. No entanto, a psicologia clínica continua sendo uma das áreas de atuação da psicologia com maior visibilidade.

3. PSICOLOGIA CLÍNICA: UMA PRÁTICA PROFISSIONAL

A escolha da Psicologia Clínica como o campo onde ocorre esta pesquisa, fundamenta-se por ser uma área de atuação muito requisitada e, muitas vezes referência para os que procuram os cursos de graduação, como evidenciam Fernandes, Seixas e Yamamoto (2018) ao realizarem um estudo dos Projetos Pedagógicos de Cursos de Psicologia, constatando que, mesmo com o avanço proposto pelas DCN a área clínica ainda aparece de forma enfática, embora ampliada para uma atuação mais abrangente do que o atendimento individual tradicional.

Carvalho *et al.* (2019) ilustram esse fato no cenário maranhense ao evidenciarem na pesquisa intitulada “O processo de formação em Psicologia no Maranhão: impactos e consequências na atuação profissional”, onde investigaram as escolhas de atuação dos graduandos em formação e dos profissionais egressos de cursos no Maranhão, constatando que a formação em Psicologia ainda é voltada para as áreas mais comuns, principalmente a Clínica e a Organizacional, conforme a percepção dos entrevistados.

Complementando esse cenário, temos a afirmação de Antunes (2012) sobre a expansão da clínica na graduação e consequentemente na prática profissional ocorrer também em função da privatização do ensino superior na década de 70, onde as Instituições de Ensino Superior consideravam que essa oferta seria mais atrativa ao público. De fato, a psicologia clínica tem lugar de destaque na formação nos dias atuais desde o surgimento do ensino de Psicologia no Brasil.

As pesquisas supracitadas corroboram para um cenário também identificado na Psicologia brasileira por Bastos e Gomide (1989), ao mapearem o perfil do psicólogo no Brasil, demonstrando a predileção dos profissionais pela área Clínica. Outro achado deles refere-se à graduação, onde os entrevistados apresentaram maior domínio dos conteúdos relacionados a este mesmo campo. Não obstante a isso, os currículos dos cursos de graduação abordam majoritariamente conteúdos da Psicologia Clínica, ainda segundo os autores. Eles identificam ainda a psicoterapia individual como a prática mais comum dos psicólogos clínicos.

3.1. HISTÓRIA DA PSICOLOGIA CLÍNICA: UM BREVE RELATO

Ao investigar o seu percurso histórico da Psicologia Clínica, vê-se que a prática Clínica está ligada diretamente à expansão do saber médico enquanto instância normalizadora da vida em sociedade, em especial da prática, centrando-se inicialmente nas ações psicodiagnósticas e no modelo de atendimento individualizado no consultório. Essa conexão entre a Psicologia e a Medicina no Brasil situa-se ainda no século XIX dentro dos cursos de medicina existentes na época, com destaque para os estudos voltados no âmbito da saúde mental. (SCHNEIDER, 2002; MOREIRA; ROMAGNOLI; NEVES, 2007; ANTUNES, 2014).

A relação entre Psicologia e Medicina merece um parêntese, para contextualizar e, quem sabe, suscitar inferências sobre o lugar de destaque da Psicologia Clínica. Pois, no período colonial, as possibilidades de formação e atuação médicas eram restritas de tal modo que, para se graduar neste campo, era necessário fazê-lo na Universidade de Coimbra. Somente com a abertura das fronteiras, após o Brasil ser elevado ao status de reino unido, essa situação é amenizada com a facilitação do acesso de literaturas da medicina. Estas mudanças acabam por abrir o caminho para que se institua uma medicina brasileira, com o surgimento

das primeiras instituições de formação sediadas em Salvador e Rio de Janeiro, sob a égide da academia parisiense. (MONTEIRO; JACÓ-VILELA, 2005).

De acordo com Monteiro e Jacó-Vilela (2005), o imperador D. Pedro II, foi de grande importância para a aproximação da sociedade brasileira com francesa, principalmente no tocante as ciências e especificamente a medicina, sendo o próprio imperador paciente de grandes nomes da época tal como Charcot. Essa aproximação possibilitou que a medicina brasileira se apropriasse das técnicas francesas e as utilizasse na solução de problemas nacionais. Como é possível ser visto a seguir:

Em 1887, Érico Coelho apresenta três comunicados à Academia Imperial de Medicina, anunciando a aplicação da hipnoterapia na cura do beribéri⁶. A Academia aprova o método – a psicoterapia ou método hipnótico sugestivo – e se constitui na corte, a primeira geração de hipniatras, representada por Érico Coelho, Moraes Jardim, Francisco Farjado (1864-1906), João Carlos Teixeira Brandão (1854 – 1921), Kossuth Vinelli, Francisco de Castro (1857 – 1901), Alfredo Barcelos, Phillipe Jardim, Dias da Cruz Filho (1853 – 1937), entre outros (MONTEIRO; JACÓ-VILELA, 2005, p. 155-156).

Neste cenário, o saber psicológico encontrou terreno fértil para o seu desenvolvimento, voltado para subsidiar a medicina e a pedagogia ao lidarem com as questões sociais emergentes da época, pois as mazelas provenientes do crescimento de centros urbanos preocupavam as elites. Deste modo, a Medicina social começa a agir trazendo consigo a higienização social, fosse ela física ou moral. O movimento higienista⁷ tinha como foco principal a solução de um problema que emergia mediante as mudanças socioeconômicas que ocorriam, pois os afrodescendentes, já não correspondiam mais aos interesses da estrutura produtiva e carregavam ainda os estigmas do racismo que os via inclusive como um risco à pureza da linhagem europeia, por conta dos processos de miscigenação e dominação na sociedade brasileira. Sendo assim, a medicina utiliza-se também dos saberes psicológicos constituídos até então, promovendo caminhos para lidar com essas questões (ANTUNES, 2012).

Na virada do século XIX para o XX, a psicologia começa a atingir status de ciência autônoma tendo como um dos substratos a expansão dos Hospícios, os quais figuravam como campos de produção de conhecimento para consolidação da ciência psicológica, contexto

⁶ Trata-se de uma doença que está ligada a deficiência da substância conhecida como tiamina ou vitamina B1, tendo como sintomas insônia, nervosismo, irritação, fadiga, perda do apetite e da energia. Geralmente essa deficiência ocorre em grupos que têm como base alimentar mandioca ou de farinha de mandioca, arroz polido e/ou a farinha de trigo. (KOPKO, 2016)

⁷ O movimento higienista, consistiu na exclusão de pessoas ou grupos de pessoas que não estivessem dentro dos padrões de normalidade estabelecidos socialmente (COLAMBANI; MARTINS 2017).

favorável para a Psicologia Clínica, estando desta maneira, fortemente vinculada à Psiquiatria e à Psicanálise⁸ (SOARES, 2010; ANTUNES, 2012).

Desta maneira, durante as primeiras décadas do séc. XX, a medicina higienista e normalizadora se instituem, impulsionando a criação dos hospícios e o fortalecimento da psiquiatria. Dentro desse contexto, a Psicologia vai ganhando seus contornos, a partir do modelo médico, mas vai se descolando paulatinamente da medicina psiquiátrica. A psiquiatria segue consolidando-se como instância normalizadora da sociedade na qual a ideia de loucura e a consequente exclusão do louco relacionava-se ao não cumprimento da ordem social estabelecida. Temos como marco desse período, o surgimento da Liga Brasileira de Higiene Mental, pois já concebiam a Psicologia como uma ciência separada da Psiquiatria, incentivando a sua produção e o surgimento de instâncias representativas (ANTUNES, 2014).

Neste cenário, a psicoterapia começa a ganhar corpo e se estabelecer como prática dos médicos no Brasil, se dando inicialmente a partir da hipnose. Segundo Monteiro e Jacó-Vilela (2005) a prática da psicoterapia em um formato mais próximo de como a conhecemos tem o seu marco, a partir das discussões emergentes dos médicos da Faculdade de Nancy que discordavam de Charcot, ao trazer a prática da hipnose como possibilidade para o tratamento da histeria e do seu postulado sobre as possibilidades de deslocamento dos sintomas através do uso do magnetismo.

Os estudiosos da escola de Nancy questionavam os resultados apresentados pelo médico francês alegando que estes eram produto da influência dos médicos e pacientes, e que não possuíam um bom rigor experimental. Desta forma, passam a utilizar como técnica a busca por induzir os pacientes mantendo-os em seu estado de alerta, prática esta que foi nomeada por eles de psicoterapia. Sendo esta técnica adotada pelos médicos brasileiros desde o reinado de D. Pedro II.

Para Moreira, Romagnoli e Neves (2007), foi por essa relação com a medicina psiquiátrica que a Psicologia Clínica herdou suas principais características, pois segundo o autor “[a] clínica psicológica é herdeira do modelo médico, no qual, como já dissemos, cabe ao profissional observar e compreender para, posteriormente, intervir, isto é, remediar, tratar, curar” (MOREIRA; ROMAGNOLI; NEVES, 2007, p. 613).

⁸ Soares (2010) Apresenta que a Psicanálise foi objeto de estudo na Faculdade de Medicina se tornando difundida pelo médico Francisco Franco da Rocha, médico com papel proeminente tanto na Psiquiatria, quanto na Psicologia.

Uma de suas mais evidentes práticas: a psicoterapia. Diferentemente das demais áreas da Psicologia, o âmbito da clínica foi um dos fatores dificultantes para a sua consolidação enquanto profissão, pois o fazer clínico era uma prática até então exclusiva do médico e as discussões sobre o uso da psicoterapia por não médicos retardou a aprovação da lei que regulamentou a profissão (VELLOSO, 1982).

Mesmo após a legitimação da Psicologia como profissão, em 1962, os profissionais atuantes na área clínica ainda enfrentaram dificuldades, pois não se reconhecia a prática da psicoterapia como um fazer do psicólogo. Velloso (1982) relata que na década de 70 ainda ocorreram divergências sobre a aplicação da psicoterapia pelo psicólogo clínico, resultando em fiscalizações de órgãos alheios e ataque de entes públicos e particulares buscando desacreditar na eficácia do processo psicoterapêutico realizado pelo psicólogo. Este impasse sobre a psicoterapia é pacificado⁹ com a implementação do Sistema Conselho pela Lei nº 5766 de 20 de dezembro de 1971, pois, os profissionais da Psicologia deixam de ser alvo de outros agentes reguladores exóticos à Psicologia.

De acordo com Dutra (2009) a psicoterapia pode ser entendida como um fazer do psicólogo no âmbito da clínica, sendo reconhecida também pelo Conselho Regional de Psicologia do Paraná (2015) como uma das práticas do profissional da Psicologia nesse contexto. Considerando a finalidade do presente estudo faz-se necessário conhecer um pouco mais sobre a psicoterapia, uma vez que é um fazer tão prevalente para o psicólogo clínico.

3.2. PSICOTERAPIA NA PRÁTICA CLÍNICA

Inicialmente, apresentamos a Psicoterapia como uma das atividades na prática do psicólogo e, em seguida, como um processo de autoconhecimento. O Conselho Federal de Psicologia (2000) a partir da Resolução CFP nº 10/00 descreve a psicoterapia como um fazer do psicólogo, ao afirmar:

Art. 1º – A Psicoterapia é prática do psicólogo por se constituir, técnica e conceitualmente, um processo científico de compreensão, análise e intervenção que se realiza através da aplicação sistematizada e controlada de métodos e técnicas psicológicas reconhecidos pela ciência, pela prática e pela ética profissional, promovendo a saúde mental e propiciando condições para o enfrentamento de conflitos e/ou transtornos psíquicos de indivíduos ou grupos.

⁹ A pacificação da prática da psicoterapia como um fazer do psicólogo, não cessaram os debates, pois na atualidade existem discussões no âmbito legislativo que buscam a legitimação desta prática com um fazer exclusivo em ambas as profissões. (ANTUNES, 2012; CARDOSO, 2018).

Segundo Quayle (2010), a Psicoterapia constitui-se como um local de acolhimento mediado por um profissional apto a oferecer assistência àquele que o busca. Sendo esta uma das formas para lidar com o sofrimento humano, tendo ênfase no processo relacional, esta pode ser um meio para o encaminhamento de diversas demandas como aponta a autora:

[...]formas específicas desse "fazer", realizado com os mais diversos objetivos: adaptação, minimização de danos, diminuição do sofrimento psíquico, busca de uma eficácia adaptativa... A lista se prolonga. Na Psicologia, a psicoterapia tradicionalmente é vista como prática da Psicologia Clínica, ocupando-se de quem sofre. (p. 101)

Desta forma, tal descrição pode ser entendida com uma forma de interação envolvendo duas pessoas, onde, a partir da construção de um vínculo, uma das partes possui uma formação profissional instrumentalizada para realizar intervenções estruturadas, amparadas por um arcabouço teórico e metodológico e técnico, visando proporcionar não só uma melhora na saúde psíquica e mental nos diversos âmbitos da sua vida, bem como a sua autonomia diante de seus conflitos emocionais.

A construção deste vínculo consiste em uma relação de cumplicidade entre psicoterapeuta e cliente¹⁰ onde ambos precisam se demonstrar vulneráveis. E, ainda, o psicoterapeuta precisa contornar as dificuldades estabelecidas como empecilho para o estabelecimento desta relação, sendo resistente aos bloqueios e invalidações emitidas por parte dos clientes nos momentos em que tenta estabelecê-la (KOHLENBERG, 2011; RIBEIRO, 2013).

Deste modo, é possível compreender que o processo psicoterapêutico está diretamente ligado, dentre outros fatores, à relação do psicoterapeuta com seu cliente, onde o sucesso dessa relação depende do repertório do psicoterapeuta. Ann e Wanpold (2001 *apud* CARVALHO; MATOS, 2011) corroboram com essa posição ao apresentarem considerações sobre a relação entre os resultados do processo psicoterapêutico e as características pessoais do psicoterapeuta, considerando a psicoterapia seu primeiro instrumento para o atendimento. A importância desta se torna mais contundente no início, quando não se dispõe de procedimentos específicos e busca-se na relação terapêutica, no seu repertório pessoal e na sua formação, os recursos necessários para o paciente aderir à psicoterapia (WIELENSKA, 2000).

Desta forma, entende-se o psicólogo como alguém que está implicado com a sua prática de uma forma pessoal e profissional, utilizando do seu repertório pessoal como

¹⁰ Não há consenso, na literatura, quanto ao uso do termo cliente, pois alguns autores utilizam a expressão paciente. Para este estudo, entretanto, optou-se pelo uso da expressão cliente.

instrumento do seu labor. Para Otero (2012) este entrelaçamento ocorre de tal maneira que não há como separar o que se é como pessoa do que se é como psicoterapeuta, pois, quando atuam, deparam-se com a sua própria história por meio da qual foi constituída a sua forma de interpretar e lidar com a vida.

Logo, o desenvolvimento pessoal se entrelaça com atuação do psicólogo, pois se traduz em habilidades que lhe permitirão estabelecer vínculos essenciais na relação com o seu cliente. Segundo Carvalho e Matos (2011), e Kichler e Serralta (2014), a psicoterapia é reconhecida como contexto passível de promover este desenvolvimento sendo, portanto, mais crucial para o graduando de psicologia.

Corroboram com essa perspectiva, Carneiro e Teixeira (2011), ao investigarem o repertório de habilidades sociais dos estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, identificando que a formação não é suficiente para a aquisição dessas capacidades. Pois, segundo os autores dos componentes curriculares presentes no curso de Psicologia, apenas 2 (dois), apresentam direcionamento para o desenvolvimento dessas habilidades.

Para Heller (2006), a falta destas habilidades pode interferir na atuação do psicoterapeuta, colocando-o em uma situação psicologicamente estressante, a ponto de ele não conseguir analisar o problema do cliente ou buscar soluções para o mesmo de forma inadequada à sua orientação profissional. Para além disso, vivenciar a psicoterapia permitirá ao graduando ampliar seu repertório possibilitando abordar temas que antes seriam mais complexos e carregados de concepções pessoais que lhe seria tabu, mas que podem vir a ser pauta durante as sessões com seus clientes. Tais habilidades ainda possibilitam distinguir entre seus conteúdos pessoais e de seus clientes (HELLER, 2006).

A Psicoterapia pode ser entendida, pois, como um espaço capaz de dar suporte à questões existenciais dos indivíduos que, a priori, não estão ligadas diretamente a formas de sofrimento tradicionalmente conhecidas, mas que só passaram a ter um olhar mais atento por parte dos profissionais da Psicologia a partir da sua emergência na clínica contemporânea, pois a era da hipermodernidade tem afetado os processos de subjetivação dos indivíduos e fazendo emergir dentro do tecido social ideais inalcançáveis, produzindo nos sujeitos uma nova categoria de queixas, conforme aponta Ewald, Moura e Goulart (2012).

É possível considerar também que o processo de psicoterapia pessoal além de lhe permitir tratar de suas questões, irá lhe proporcionar um desenvolvimento pessoal e de habilidades inerentes aos da profissão, pois a psicoterapia se constitui como um importante contexto de aprendizagem para que o profissional seja capaz de discriminar os estímulos que

controlam seu comportamento, bem como o desenvolvimento de habilidades de autoconhecimento e auto-observação, flexibilidade comportamental, dentre outros (CONTE; BRANDÃO, 2012).

A experiência do contato com a psicoterapia possibilitará que o psicoterapeuta possa manter-se atento aos seus próprios comportamentos durante a sessão, tendo uma maior consciência de si, possibilitando o autoconhecimento e permitindo que o psicoterapeuta possa reconhecer suas próprias questões (KICHILER; SERRALTA, 2014; SILVA; SALES, 2021). Desta forma, é pertinente a afirmação de Conte e Brandão (2012, p. 133):

a importância da psicoterapia pessoal do clínico e da sua supervisão para os atendimentos. Esses são contextos para o aprendizado da discriminação dos estímulos que controlam seus comportamentos e das funções que seus comportamentos assumem nas interações com os demais, e permitem o desenvolvimento de habilidades de “usar” respostas privadas, discriminativamente, em benefício do processo clínico e do cliente.

Desta maneira, pode-se observar que, na literatura pesquisada, algumas habilidades como autoconhecimento e empatia aparecem de forma recorrente e são relevantes para o psicólogo, configurando a psicoterapia pessoal como um processo favorável para o seu desenvolvimento integral. Kichler e Serralta (2014), Conte e Brandão (2012).

O autoconhecimento é considerado como essencial à prática em Psicologia, sendo a sua busca algo primordial para o psicólogo, visto que ele mesmo é a própria ferramenta de trabalho. O conhecimento de si é apresentado como uma capacidade de discriminar os estímulos que controlam o comportamento, mas ele também pode ser entendido como um conhecimento dos seus limites e potencialidades, ou ainda uma capacidade de distinguir seus próprios sentimentos dentro de uma relação terapêutica e ter consciência dos seus problemas pessoais que podem interferir no processo terapêutico (CONTE; BRANDÃO, 2012).

Benjamim (2008) ao discutir sobre a entrevista como ferramenta de ajuda para o entrevistado, acrescenta que quanto maior for o autoconhecimento, mais eficiente será o sujeito ao agir sobre si, por consequência melhor será a sua atuação ao lidar com o comportamento dos outros. Pois, ao entrar em interação com os outros será possível estar sob controle da interação em si, distinguindo os seus próprios sentimentos, pensamentos e emoções, buscando mudanças propositivas e aceitando melhor a si próprio. Desta forma, é possível criar um ambiente propício ao estabelecimento de um vínculo de confiança, acolhimento e empatia, mesmo sendo uma condição inalcançável em sua plenitude, a sua busca constitui-se de grande importância para o entrevistador.

Mondardo, Piovesan e Mantovani (2009) apresentam em seus achados resultados da psicoterapia como um contexto para o desenvolvimento desta habilidade. A partir de sua pesquisa realizada com pacientes de uma clínica escola, as autoras identificaram, junto as entrevistadas que, dentre as alterações ocorridas em função do processo psicoterapêutico foi trazido a “Possibilidade de conhecer-se e compreender-se melhor” (p. 165), sendo esta descrita como o reconhecimento da sua própria dimensão psicológica, padrões comportamentais, bem como uma formulação mais clara a respeito de si, provocando inclusive uma elevação na sua autoestima a partir de uma melhor autoaceitação. Kicheler e Serralta (2014), apontam sobre o autoconhecimento:

A psicoterapia como ferramenta para que pudessem conhecer-se, assim como a constatação de que ter um entendimento de si mesmo é requisito para trabalhar com a subjetividade de outras pessoas; auxiliando o reconhecimento de seus limites e possibilidades para o exercício profissional. (p. 59)

A empatia, segundo Magalhães, Luzia e Dalmas (2004), refere-se a comportamentos que são emitidos pelo psicoterapeuta em direção ao seu cliente e consiste na compreensão dos sentimentos do paciente, em ter sentimentos de compreensão e simpatia por ele juntamente com uma preocupação genuína com seu bem-estar e a expressão ocorre por parte do psicoterapeuta. A partir disso, pode-se considerar que, ao vivenciar sua psicoterapia, o graduando poderá integrar-se consigo de modo a conseguir agir empaticamente em um maior grau, pois consegue entrar em contato com as emoções do cliente e o que elas representam para ele, conseguindo deixar essa compreensão evidente na relação psicoterapêutica. (CARVALHO; MATOS, 2011; ROGERS, 1983).

Este encontro consigo favorecerá o terapeuta para um contato com experiências contidas em sua história de vida das quais se esquivava tal qual pode ocorrer com seus clientes. Através da empatia, o psicoterapeuta também poderá se aproximar de forma compreensiva das vivências afetivas e emocionais do paciente experimentando sensações similares as dele, o que permite compreender sua dor dando-lhe uma perspectiva, sobre o qual Calligares (2004, p. 27) afirma:

[...] para o terapeuta não há melhor introdução à variedade do sofrimento humano do que a descoberta de que, em algum canto de seus pensamentos, ele pode encontrar palavras, lembranças, razões, visões e pensamentos parecidos com aqueles que afetam, agitam ou mesmo enlouquecem seus pacientes.

As habilidades sociais também aparecem nos textos levantados, e são a designação de uma classe de respostas que dizem respeito, diretamente, à relação terapêutica, apesar da

dificuldade de se obter uma definição consensual para este grupo de comportamentos. Segundo (MAGALHÃES; LUZIA; DALMAS, 2004) as habilidades sociais podem ser definidas como:

[...] as habilidades sociais se aplicam a dimensão descritiva de desempenhos sociais complexos e inclui componente comportamental tais como: comportamentos verbais (fazer pedidos, recusar etc.); não verbais (sorriso, gestos, expressão facial e etc.); cognitivo-afetivo (auto-regras, valores, comportamentos encobertos, empatia) e comportamentos respondentes (respiração taxa cardíaca etc.).

Por fim, dentre as habilidades que podem ser desenvolvidas por meio da psicoterapia, temos a competência social, pois não é suficiente apenas ter o repertório, mas também é necessário saber usá-lo assertivamente, ou seja, um déficit nessa competência consiste na ausência ou na ineficácia de comportamentos capazes de gerarem bons resultados nas relações. Esta inaptidão afeta o psicólogo quanto à sua função na manutenção do equilíbrio dos reforçadores e da preservação de direitos humanos básicos dentro das relações sociais. (DEL PRETTE; CASTELO BRANCO, 1992).

Para que o psicólogo possa exercer este papel de mediador visando garantir este equilíbrio, faz-se necessário o desenvolvimento da sua competência social, objetivando a sua futura atuação e lhe permitindo ter êxito no exercício da sua profissão dentro dos seus diversos âmbitos. É importante ressaltar que estas habilidades se desenvolvem de forma simbiótica, não sendo possível percebê-las claramente nos seus aspectos individuais, pois são complementares e interativas fazendo parte do indivíduo de modo integral.

Na presente pesquisa, o recorte da psicoterapia volta-se para a formação e a área clínica de atuação do psicólogo a partir da perspectiva dos estagiários que buscam por essa prática. Diante do exposto, considera-se que a psicoterapia, pela sua amplitude de benefícios, pode contribuir para o desenvolvimento em qualquer uma das demais atuações do profissional de psicologia no âmbito pessoal, assim como ao longo do processo de formação.

4. METODOLOGIA

A fim de compreender a temática proposta para este estudo foi realizado um levantamento na base de dados *Scielo*, que indexa dentro da área Ciências da Saúde 121 títulos e 102 na área das Ciências Humanas, utilizando os descritores: *psicoterapia pessoal*, *psicoterapia pessoal do psicólogo*, *formação do psicólogo*, *formação em psicologia*, *atuação profissional do psicólogo*, *psicologia clínica e psicoterapia*, *psicoterapia e formação*. Os

critérios para filtros foram os seguintes: textos em português, publicados entre os anos de 2013 e 2017. Este recorte temporal é justificado devido a existência de outro estudo que contemple um período anterior (LIMA, 2016).

Dentre os artigos encontrados, buscou-se identificar em seus títulos, resumos ou introdução, se estes abordavam, em algum momento, a temática da psicoterapia pessoal ou da psicoterapia pessoal para o psicólogo, onde ficou constatado que nenhum dos 410 artigos faz tal menção, mesmo para o descritor *psicoterapia pessoal* para o qual a ferramenta de busca apresentou 4 (quatro) artigos, ainda assim, nenhum destes tratava de fato do assunto. Desta maneira, constatou-se uma ausência de estudos realizados dentro dessa temática, conforme evidenciado na Tabela 1.

Tabela 1. Artigos encontrados.

Descritor	Nº de Artigos
Psicoterapia pessoal	4
Psicoterapia pessoal do psicólogo	0
Terapia pessoal do psicólogo	0
Formação do psicólogo	61
Formação em psicologia	270
Atuação profissional do psicólogo	41
Psicologia Clínica e Psicoterapia	26
Psicoterapia e Formação	8
Total	410

Fonte: Autoria própria

Assim, este estudo constitui-se uma pesquisa exploratória, qualitativa e descritiva de cunho fenomenológico baseado na proposta de análise fenomenológica de Amadeo Giorgi, inspirado na filosofia Husserliana que, segundo Holanda (2006), apresenta um método que busca na experiência do sujeito alcançar uma descrição compreensiva dos dados partindo para uma análise estrutural, a partir de um processo reflexivo que possibilita uma visão da essência do fenômeno estudado. Segundo Feijoo e Goto (2016), a proposta da fenomenologia gera mudanças tanto na concepção do objeto de estudo da psicologia como na atitude do pesquisador.

Adotar o método fenomenológico consiste em mais do que utilizar-se de uma metodologia para coleta e análise de dados, pois essa perspectiva traz consigo uma construção epistêmica que acarreta uma postura a ser adotada pelo pesquisador e que irá permear toda a

construção do trabalho, onde a busca pela suspensão de todos os a priori, ou seja, dos conceitos anteriores ao estudo, vai se colocando receptiva aos conteúdos que advenham durante a pesquisa. (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

Cardoso e Massimi (2013) ampliam esse entendimento ao afirmarem que E. Husserl (1859 – 1938), ao fundar essa corrente do pensamento fenomenológico propõe que, para se alcançar de fato o conhecimento científico, é mister a suspensão de todo saber prévio. Nessa proposta, é necessário colocar em suspensão os pré-conceitos, conhecimentos apriorísticos e experiências pessoais, passo denominado de redução eidética¹¹, pois, dessa forma permite que o fenômeno possa se manifestar de forma espontânea. Vale ressaltar que tal atitude não significa uma neutralidade científica, mas uma abertura por parte do pesquisador para receber ou acolher novos conhecimentos diante dos fenômenos em estudo.

Dentro da perspectiva fenomenológica os participantes da pesquisa são considerados colaboradores, pois é a partir da sua experiência que o pesquisador aprende. Deste modo, o grupo de colaboradores é composto por sujeitos que tenham vivenciado o fenômeno, objeto desta pesquisa, e que sejam capazes de discorrer sobre ele. (ANDRADE; HOLANDA, 2010; CRESWELL, 2014).

Para Moreira (2002), dentre as variações da pesquisa fenomenológica encontra-se o método proposto por Giorgi (1989) que possui em comum com outras vertentes, tais como, os métodos propostos por Van Kaan, Colazzi e Sanders, a preferência pelo uso da entrevista oral e a participação de 1 a 10 colaboradores, tendo como média 6 a 8 indivíduos. Sendo, para o método de Amadeo Giorgi, inviável a construção de unidades com apenas 1 (um) entrevistado.

Para Feijoo e Goto (2016), a proposta Husseliana foi continuada por diversos autores, que divergiram e convergiram em uma variedade de aspectos da sua teoria. O presente estudo escolhe uma dessas variantes, o método proposto por Amadeu Giorgi em 1985, pois a sua proposta empírico-fenomenologia, atende tanto a anseios daqueles que iniciam o seu percurso como pesquisador nesta filosofia quanto aos de pesquisadores no âmbito da psicologia (GIORGI, 1989; MELO, 2016). Deste modo, o percurso metodológico se estabelece a partir de 4 passos, a fim de alcançar os objetivos propostos para a pesquisa.

Os passos propostos por Giorgi (1989) são: “1) Leitura do Material; 2) Divisão do material em partes; 3) modo disciplinado ou profissional de obter sentido; 4) reintegração das

¹¹ Segundo Guimarães (2013), a redução eidética pode ser entendida como o momento da redução fenomenológica no qual busca-se efetuar uma descrição da essência dos fenômenos.

partes.”⁶, que é o da leitura e transcrições dessas entrevistas, podendo ser realizada mais de uma vez a depender do seu tamanho. Neste momento, o objetivo é a apreensão do sentido da fala. No segundo passo, ocorre a divisão do todo, buscando as unidades de significado. Essas unidades exprimem o sentido da entrevista e são demarcadas com palavras do próprio recorte efetuado. O terceiro passo é primordial na execução do método, pois nele as unidades de sentido receberão significados psicológicos. No quarto e último passo, será realizada a descrição e as análises dessas unidades.

No caso do presente estudo, por se constituir também de uma pesquisa exploratória, mas com viés fenomenológico, utilizando como instrumento para conhecer as vivências dos estagiários, entrevistas, com um roteiro semiestruturado (Apêndice A), com algumas questões objetivas a fim de caracterizar os entrevistados, com informações pessoais e acadêmicas, apresentando duas questões norteadoras que são: “O que você entende por psicoterapia?” e “Quais suas impressões sobre a psicoterapia e o seu processo de formação ou de atuação profissional?”, seguindo os fundamentos fenomenológicos, contemplando os objetivos pretendidos nessa pesquisa e possibilitando ao sujeito falar livremente sobre o tema proposto, evitando induzi-lo ou estabelecer algum a priori.

Inicialmente as entrevistas foram planejadas para ocorrerem de forma presencial, no entanto, o advento da pandemia da COVID-19 que se alastrou no Brasil e em todos os países do Mundo, sendo reconhecida pela OMS (2020) como uma “Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional”. Atingiu proporções globais e, seguindo as orientações do Ministério da Saúde (2020) para evitar a propagação da doença, como as medidas preventivas de higiene e o distanciamento social, fizeram com que as entrevistas fossem realizadas através de videoconferências, por meio da plataforma ZOOM¹². Assim, por meio desta ferramenta as entrevistas foram gravadas e transcritas, procedendo-se então com o primeiro passo do método aqui proposto.

Este trabalho seguiu os padrões éticos estabelecidos, onde todos os participantes foram informados do objetivo da pesquisa e da possibilidade de desistência em qualquer momento, bem como da seguridade de anonimato através do Termo de consentimento Esclarecido - TCLE (Apêndice B). A presente pesquisa está vinculada ao Projeto de Pesquisa sobre O Processo de Formação em Psicologia do Maranhão, tendo sido o projeto aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFMA sob o número do Parecer 2.530.039 e sob a CAAE 68441917.0.0000.5087. Conforme Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde (2016,

¹² Zoom é uma plataforma digital que possibilita comunicação entre duas ou mais pessoas, por meio de uma sala virtual acessada a partir de um navegador conectado a internet.

p. 2), que regulamenta a pesquisa com seres humanos no âmbito das Ciências Sociais e Humanas.

A escolha do público-alvo dessa pesquisa contou com a colaboração da coordenação de estágio do curso de psicologia da UFMA, que, após solicitação formal (ANEXO II), apresentou uma lista com estagiários da área de psicologia clínica nos últimos 5 (cinco) semestres (ANEXO III), discriminando os referenciais teóricos escolhidos pelos estagiários nos estágios, quais sejam: Análise do Comportamento (AC), Atenção Centrada na Pessoa (ACP), Fenomenológica, Psicanálise, Logoterapia, Esquizoanálise, Gestalt Terapia, tendo a distribuição conforme a Tabela 2, apresentada a seguir. Após consulta junto aos supervisores de estágio foram contatados 14 (quatorze) estagiários e diante da disponibilidade deles foi possível entrevistar 8 (oito) discentes estagiários,

Tabela 2: Distribuição dos estagiários por abordagem

Abordagem	2018.1	2018.2	2019.1	2019.2	2020.1
AC ¹³	6	5	5	4	6
ACP	4	7	7	5	6
Esquizoanálise	0	4	6	6	5
Fenomenológica	8	10	10	9	10
Gestalt Terapia	0	6	5	5	1
Logoterapia	3	0	0	0	0
Psicanálise	4	2	1	5	5
Total de Estagiários da Clínica	25	34	34	34	33

Fonte: Coordenação de Estágio/Curso de Psicologia/UFMA

Tendo como critério de inclusão discentes do curso de psicologia da UFMA, matriculados regularmente e tendo cursado as disciplinas teóricas obrigatórias para o estágio na área clínica, cursando as disciplinas teórico-práticas e os estágios curriculares obrigatórios da área em questão. Isso pode ocorrer entre o sétimo e o décimo período, conforme estrutura curricular da IES pesquisada. Foram excluídos os participantes que se negaram a responder a entrevista e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), além daqueles que não optaram em cursar o estágio na área clínica em sua formação, bem como os que não cursaram as disciplinas teóricas obrigatórias.

Desta maneira, possibilitou-se alcançar os objetivos propostos para este estudo, trazendo elucidaciones às questões norteadoras apresentadas. Pretende-se contribuir para reflexões

¹³ O termo Análise do Comportamento (AC), faz referência às modalidades psicoterapêuticas conhecidas como Terapias Comportamentais que se compreendem como campo aplicado da ciência da Análise do Comportamento, conforme consta no Anexo III e na Tabela II. (LUCENA-SANTOS; PINTO-GOUVEIA; OLIVEIRA, 2015).

críticas ao processo de formação do psicólogo, fornecendo subsídios para orientação e tomada de decisão no que tange à psicoterapia por parte daqueles envolvidos nesta etapa crucial dos futuros profissionais da psicologia, tanto quanto para aqueles que decidem pelo exercício desta profissão.

5. DISCUSSÃO E RESULTADOS

No presente capítulo serão apresentadas as análises das entrevistas realizadas como proposta investigativa deste trabalho e as reflexões que surgiram a partir dos fenômenos emergentes dessa escuta, a fim de elucidar as questões que norteiam a presente pesquisa, bem como alcançar os seus objetivos propostos. Desta maneira, será exposto a seguir o perfil dos colaboradores da pesquisa, um quadro com as unidades de sentido, conforme apresentado na metodologia deste trabalho no cap. 2, a proposta de Giorgi (1989), encontradas durante a análise.

5.1 PERFIL DO COLABORADOR

O grupo de colaboradores foi composto por oito discentes estagiários, todos cursavam o componente curricular Estágio III¹⁴, sendo 6 (seis) do sexo feminino 2 (dois) do sexo masculino, onde 2 (dois) participantes possuem 36 anos e os demais entre 23 e 28 anos. Dentre os participantes, 4 (quatro), realizaram estágios extracurricular, sendo 2 (dois) no Plantão Psicológico, 1 (um) na área Hospitalar e 1 (um) na área Escolar. Tendo como previsão de conclusão do curso o período letivo entre 2020.1 e 2021.1.

Os entrevistados ilustram uma heterogeneidade no tocante à escolha da abordagem teórica, conforme a diversidade que constitui a psicologia e a oferta de estágio do curso da UFMA. Houve uma busca intencional para conhecer a perspectiva dos discentes a partir dessa realidade. Assim foram entrevistados 3 (três) estagiários da Análise do Comportamento, 3 (três) de Atenção Centrada na Pessoa (ACP) e 2 (dois) da Fenomenologia Existencial. Vale ressaltar que as demais abordagens que recebem estagiários não foram inseridas nesse estudo, devido à falta de retorno dos supervisores em tempo hábil para realização da entrevista e disponibilidade para agendamento dos indicados.

¹⁴ Conforme a Resolução Nº 1212 CONSEPE/UFMA (2014) as atividades de estágio obrigatórias estão divididas em 3 (três) componentes curriculares distintos, intitulados Estágio Específico I, Estágio Específico II e Estágio Específico III, possuindo carga horária de 135h cada.

Quanto ao período de início da graduação, os participantes estão distribuídos conforme a Tabela 3, apresenta a seguir:

Tabela 3: Distribuição por período de início do curso.

PERÍODO LETIVO	QTD
2009.2	1
2012.1	1
2014.2	1
2015.1	1
2015.2	4

Fonte: Autoria própria.

É importante destacar que a distribuição exposta na Tabela 2 evidencia que o público entrevistado se divide em dois momentos distintos do curso de Psicologia da UFMA, quanto à estrutura curricular, pois no ano de 2015 foi implantado um novo Projeto Político Pedagógico de Curso (PPP) conforme as DCN, aprovado pela Resolução N° 1.212 CONSEPE/UFMA (2014). Até então o curso de Psicologia da UFMA era regido pelo PPP inicial antes das reformulações das DCN de 2004. Essa diferença impacta diretamente na experiência dos estudantes como poderá ser visto posteriormente em seus relatos.

5.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Ao analisar as entrevistas transcritas a partir do método proposto por Amadeo Giorgi (GIORGI; 1989), seguindo todos os passos, foi possível identificar a existência de 5 (cinco) unidades de sentido principais, conforme Quadro 1 que emergiram das falas dos entrevistados. Vale ressaltar que as unidades de sentidos denominadas aqui como principais agregam outras unidades encontradas nos relatos. A metodologia escolhida não desconsidera nenhum fenômeno, pois todos fazem parte da experiência vivida e relatada. Para fins didáticos e científicos o método propõe organizar as unidades principais em destaque, pois aparecem nos relatos com mais frequência e reúnem outros fenômenos encontrados.

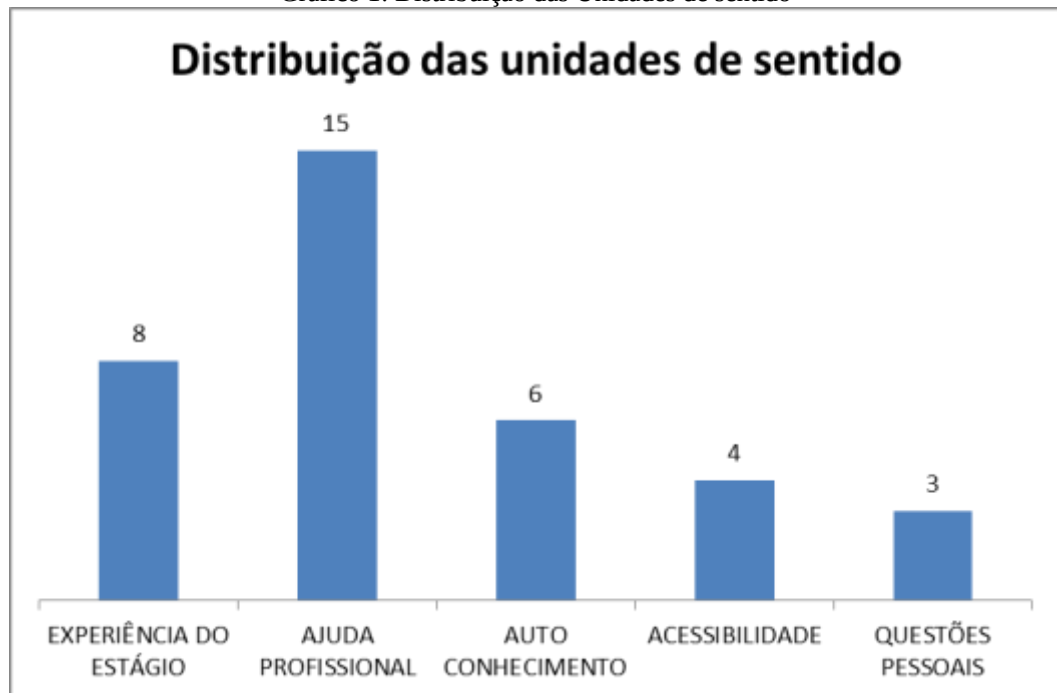
Quadro 1: Unidades de Sentido Principais

Fonte: Autoria Própria

No roteiro de entrevista foram utilizadas como questões disparadoras “O que você entende por psicoterapia?” e “Quais suas impressões sobre a psicoterapia e o seu processo de formação?” conforme APENDICE A, a partir destas questões, emergiram as unidades de sentido relacionadas como principais, Experiência do Estágio; Ajuda Profissional; Autoconhecimento; Acessibilidade e Questões pessoais. Desta maneira, as falas dos entrevistados se entrelaçam de modo que as unidades foram agrupadas indistintas à questão que as fizeram emergir. Para além disso, uma terceira questão provocou a emergência de fenômenos nas falas dos entrevistados, a questão “Em caso negativo. Explique suas razões”, essa frase era apresentada caso o colaborador informasse não estar fazendo psicoterapia.

A partir da análise das entrevistas, foi possível identificar fenômenos que foram traduzidos pelas unidades de sentido elencadas como principais e compreenderam as demais obtendo a distribuição apresentada no Gráfico 1:

Gráfico 1: Distribuição das Unidades de sentido



Fonte: Autoria própria

Desta forma, percebe-se que os itens Experiência do Estágio e Ajuda Profissional exprimem grande parte das vivências dos estagiários, denotando a relevância destas para a compreensão do fenômeno estudado. Embora possam ser apresentadas de forma separadas, as unidades de sentido relacionam-se entre si, sendo possível também a sua apresentação de maneira concatenada, uma vez que fazem parte do mesmo fenômeno e das experiências vividas pelos entrevistados, pois, em ambas as questões, surgem falas que compõem essas unidades.

5.2.1 Experiência do Estágio

Essa unidade de sentido principal emerge a partir da reflexão dos entrevistados quanto à sua vivência ao entrarem em contato com o estágio em Psicologia Clínica, dessa experiência emergiram outras unidades de sentido relacionadas conforme o Quadro 2:

Quadro 2: Unidades relacionadas em Experiência do Estágio



Fonte: Autoria própria

Os entrevistados relatam que o contato com a psicoterapia, enquanto psicoterapeutas estagiários é, por si só, um fator promotor de mudanças. Eles identificam que o momento no qual esse contato se dá por meio do estágio na clínica, que ocorre ao longo do curso, exerce influência direta na sua experiência enquanto estagiários. Dentro do grupo entrevistado, 2 (dois) participantes relatam que sua estrutura curricular não contemplava práticas de estágio nas diversas áreas da Psicologia ao longo da formação, possibilitando este contato apenas nos últimos três períodos, no estágio específico. Como por ser exemplificado pelas falas abaixo:

Eu, eu acredito que pelo fato de ter feito durante a formação um currículo que já tava um pouco ultrapassado [...] Eu já fui ter contato com a psicoterapia [Estágio na Clínica] já muito no final do curso, [...] eu acredito que nisso é que a gente se perde um pouco. Acaba não achando logo o seu foco, por que a gente não tem contato com a clínica, não tinha né? Agora tem. Não tinha contato com a clínica, não tinha contato mais direto com a prática das abordagens e, então assim, até a metade do curso eu fiquei bem perdida, não tinha muito o que, o que falar sobre[...] (BA)

[...] o estágio na é no, no, na UFMA, na clínica da UFMA principalmente foi o ponto alto da minha formação porque é quando você deixa toda aquela, aquele, aquela teoria fria ganhar cores, as cores da prática em si. Então é uma forma de assumir uma posição diante dum cenário social etc. é e se perceber enquanto um profissional que apesar de não estar completo entre aspas, tá se moldando com o tempo, um profissional que finalmente chegou ao estágio onde ele almejava chegar. (WL)

Diante disso, é possível evidenciar que o contato com a prática profissional feito de maneira tardia, como ocorria na modalidade curricular anterior a 2015 na UFMA, afetou negativamente a formação de acordo com a percepção desses entrevistados, pois no momento em que entraram em contato com a prática, viu-se que esta experiência teria possibilitado uma melhor qualidade na sua formação como ocorre com o novo PPP (UFMA, 2014), onde o componente “Estágio Curricular” aparece distribuído ao longo da formação a partir do segundo semestre, iniciando com estágios básicos de caráter observacional e introdutório, mas que já propicia ao discente uma aproximação com as diversas áreas da Psicologia, inclusive a psicologia clínica.

No entanto, essa percepção não é consenso entre os entrevistados, pois o relato abaixo ilustra que essa aproximação ao longo do curso, com as áreas de atuação ainda não é o suficiente:

Tá que a gente tem esses estágios durante o curso todo, mas eles não abarcam muita coisa, né? Porque são só quarenta e cinco horas. Um mês de é de vivência que um mês ele é dividido um dia na semana um dia na semana, entendeu? (CM)

Abdalla, Batista e Batista (2008), apresentam em seu estudo que as novas DCN, passam a priorizar a aproximação entre teoria e prática. Eles evidenciam ainda o projeto de currículo adotado pela instituição de ensino como uns dos fatores produtores de dificuldades para o ensino da Psicologia Clínica, em uma pesquisa “Desafios do Ensino de Psicologia Clínica em Cursos de Psicologia” realizada com psicólogos docentes e não docentes a respeito do ensino da Psicologia Clínica na graduação em Psicologia.

Outro destaque das referidas autoras, diz respeito ao perfil do aluno que adentra no curso, onde identificam que o estudante de psicologia, enquanto jovem adulto, encontra-se em um período de desenvolvimento sujeito a idealizações sobre a atuação do psicólogo e que precisam ser desconstruídas ao longo da formação para que este possa de fato adquirir e exercer seu papel profissional. Tal mudança atravessa esses sujeitos modificando-os em todos os níveis inclusive no pessoal.

Desse modo, é possível compreender que o contato com a Psicologia Clínica em especial a prática da psicoterapia enquanto graduandos, se apresente na percepção dos entrevistados, como um agente promotor de mudanças na vida dos estagiários atuantes na Psicologia Clínica. Bem como o momento em que este contato ocorre ao longo da formação do estudante, seja uma questão relevante, vindo a afetar a qualidade da formação desses indivíduos.

As unidades em análise compreendem também a percepção dos estudantes a respeito da importância do estágio clínico, reconhecendo que essa vivência se qualifica como um momento de grande relevância. Pois, ao passarem para a atuação, lhes é possibilitado, para além do confronto da teoria com a prática e das questões emergentes deste encontro, a oportunidade de experienciar o exercício da prática clínica e as mobilizações advindas desta, como expressam os trechos das entrevistas abaixo:

[...] enquanto eu tava ali com os meus consulentes, né, eu também eu percebia que algo também ia mudando dentro, dentro de mim [...] eu fui é me abrindo pra, pra empatia com essas pessoas, é eu aprendi a, a ouvir de verdade, não só escutar, a ouvir a pessoa o que ela tem a dizer e a ouvir não só o que sai da boca, mas a ouvir o que tá ali no entre, no meio né. É isso também que acho que o meu pessoal fala um pouco. Vi algo aqui que tava além [...] (CM)

Com o estágio que eu fiz, eu conseguia ver o resultado do meu próprio trabalho enquanto atendimento, enquanto ouvindo a cliente, e a cliente trazendo depois o relato dela sobre o que aconteceu na terapia. (BA)

Ao iniciar os seus atendimentos experimenta-se insegurança quanto às suas habilidades e capacidades de aplicação dos procedimentos clínicos exigidos. A vivência do estágio clínico traz para o graduando a percepção de êxito quanto à apropriação das competências e técnicas desenvolvidas ao longo da graduação. A importância desta experiência para os estudantes vem sendo reconhecida por eles, como um momento de desenvolvimento em direção à sua formação profissional, bem como um lugar de mudança para o estagiário.

Diante disso, o psicoterapeuta iniciante tem a oportunidade de experimentar diversos sentimentos podendo estabelecer uma relação positiva com a sua prática. A prática da psicoterapia é capaz de propiciar um desenvolvimento na pessoa do psicoterapeuta lhe possibilitando o aperfeiçoamento de habilidades técnicas e pessoais que afetam diretamente a sua atuação. Corroborando, assim, com a percepção dos estudantes que o espaço do estágio na clínica psicológica lhes possibilita tal desenvolvimento, bem como a oportunidade de trabalhar capacidades fundamentais ao psicoterapeuta, como a escuta clínica e a empatia. (BORGES *et al.*, 2019; FALCONE, 2006; SILVA; COELHO; PONTE, 2019).

5.2.2 Ajuda Profissional

A presente unidade de sentido diz respeito à percepção dos estagiários sobre a psicoterapia como uma ajuda especializada para auxiliar no entendimento de seus conflitos pessoais, assim como o lugar que ela ocupa enquanto ferramenta da prática psicológica. A tal unidade agrego outros fenômenos relacionados presentes na maioria dos relatos, como pode ser visto no Quadro 3:

Quadro 3: Unidades relacionadas em Ajuda Profissional



Fonte: Autoria Própria

Diante desse universo de sentidos é possível perceber que os estudantes reconhecem a psicoterapia como um espaço da atuação profissional do psicólogo, no qual, por algum sofrimento ou demanda, o indivíduo pode encontrar suporte para lidar com as suas questões e conflitos pessoais. Por outro lado, o psicoterapeuta iniciante também pode buscar a psicoterapia como uma ferramenta que o auxilie no exercício da sua prática, bem como no seu processo formativo, visto que ambos os contextos são reconhecidos como ocasiões nas quais o sujeito pode se deparar com questões e demandas emergentes da sua formação e corrente atuação. Como pode ser explanado a partir da fala abaixo:

[...] eu entendo que seja o momento em que a pessoa que tem algum sofrimento, alguma demanda, algum problema, né, que a gente costuma dizer. Ele busca um

profissional que seja capacitado para ouvir e para fazer algo com aquilo que está sendo ouvido. Então, a psicoterapia é, a busca do cliente pelo profissional que vai ajudá-lo a encontrar alguma solução, algum caminho pra resolver um problema que ele sozinho não consegue. (BA)

[...] quando eu entrei na psicóloga que ela me ajudou a entender que eu não precisava - e isso é uma questão recorrente na minha vida - que eu não precisava aceitar aquilo que os outros queriam de mim, aquilo que os outros achavam que era o ideal, que era eu fazer uma medicina, eu fazer um direito que eu me interessasse, sabe, pelo trabalho dela comigo. E ela foi muito essencial, porque eu tava passando por uma época de turbulência, na qual fazer terapia me ajudou muito a entender que como eu me sentia era normal, era justificado. Eu não tava ficando doida por tá chorando, por tá sofrendo. (DG)

Esta perspectiva se aproxima daquilo que se encontra na literatura, pois é possível que a psicoterapia ocupa um lugar de grande importância dentro do fazer clínico, sendo um instrumento útil para o profissional atuar em uma ampla gama de demandas que venham a surgir durante o seu exercício profissional. E não obstante a isso, compreende-se o motivo da prática psicoterapêutica ser reconhecida como um fazer do psicólogo clínico e venha se expandindo ainda para outros campos de atuação da Psicologia.

Para, além disso, a unidade principal Ajuda Especializada, relaciona-se com unidades de sentido que exprimem expectativas mais específicas por parte dos entrevistados, quanto às possibilidades aventadas pela vivência da Psicoterapia, tais como: condução, bem-estar psicossocial, autocuidado, estabilidade emocional, dentre outras ainda mais específicas, pois dizem respeito às possibilidades que só podem ser experimentadas por aqueles que também atuam ou atuarão dentro deste campo, tal qual o grupo de colaboradores que compõem esta pesquisa. Contudo, estas unidades serão abordadas mais a frente. Esta expectativa pode ser percebida a partir das falas abaixo:

Bom, psicoterapia eu entendo que é uma, um caminho de, de condução, né? De ajudar, é, a pessoa no seu autocuidado [...] Então uma oportunidade de cuidado mesmo, especial com o ser humano. (PH)

[...] a psicoterapia ela é uma ferramenta que leva o bem-estar pra pessoa, bem-estar não só psicológico, porque é... também influencia no social[...]. (CM)

[...] me ajudou a decidir o caminho que eu queria seguir profissionalmente e aí durante o meu período de formação, me ajudou a ser primeiramente uma pessoa mais estável emocionalmente pra eu aguentar a graduação, que tem suas dificuldades né? (GD)

A partir dessas falas é possível observar uma compreensão da psicoterapia como um recurso capaz de dar suporte às questões existenciais dos indivíduos e também se apresenta como uma ferramenta capaz de promover bem-estar psicossocial, autocuidado e estabilidade

emocional. O conceito de bem-estar, trata-se de uma dimensão ampla da vida humana, sendo discutido por vários domínios do saber. A ideia de bem-estar aqui apresentada pelos entrevistados remete a duas dimensões, a psicológica e a social, como dimensões influenciadas diretamente pela psicoterapia. Neste sentido, encontra-se respaldo para compreender essa assertiva como verdadeira, tomando como base as evidências encontradas a partir dos estudos de Velho (2016) e Silveira (2020) Pois, estes reconhecem a atuação do Psicólogo Clínico e o próprio processo psicoterapêutico como capazes de promovê-los.

O autocuidado, no seu sentido mais amplo também reflete sobre diversos contextos da vida humana, tendo maior centralidade nos aspectos à saúde para o qual a Psicoterapia é apresentada como uma possibilidade de exercício do cuidar de si, quando relacionado à saúde mental. Sendo identificado inclusive, como uma prática importante para Psicólogos nos mais diversos campos de atuação, em especial, a Clínica. Contudo, a partir das discussões apresentadas na literatura, reflete-se que ainda exista uma lacuna nesta relação entre psicoterapia e autocuidado. (XAVIER; DALTRO, 2015; MOTA, 2017; MORANDO; SCHMITT; FERREIRA, 2017; SANTOS; SILVA; ESPINOSA, 2020).

A estabilidade emocional constante pode ser compreendida como um estado utópico, dada à dinamicidade da própria vida cotidiana, neste sentido compreende-se a sua colocação nesse contexto, como uma condição na qual o sujeito consegue regressar a esse estado de equilíbrio mediante situações que possam lhe acometer e o desestabilizem, ou seja, regular suas emoções. Corroborando Vaz (2009) e Coutinho *et al.* (2010), a Psicoterapia parece como um caminho viável para a busca desse estado.

Compreendidas ainda dentro da unidade de sentido Ajuda Especializada, estão as vivências dos entrevistados que relacionam as possibilidades de contribuições do processo psicoterapêutico ao longo de sua formação, bem como para sua atuação na Psicologia Clínica enquanto estagiários. Para eles, estar na condição de estagiários ou estar em um processo psicoterápico favorecem a um amadurecimento pessoal e profissional. Nos relatos essa compreensão é observada nas unidades: Aprendizagem como Modelo, o Contato com a Psicoterapia e a Psicoterapia como processo de formação , conforme descrições abaixo

[...] me ajudou muito a perceber pelo menos assim, quando eu cheguei no estágio a como dever ser o tato do psicólogo. Como deve ser e como não deve ser, [...] Então eu aprendi muito de como se portar e como mesmo responder aos comportamentos do cliente, porque eu acho que pra quem nunca passou, é muito fácil ficar mecanizado, porque tu não sabe o que fazer [...] a minha recomendação pra todo mundo que faz psi, era de que procurasse por um tempo por seja lá qualquer queixa entrar em contato com um profissional pra tu ver como é na, no real. (DG)

Depois que eu comecei a fazer a psicoterapia, eu me senti melhor nos meus atendimentos [...] questões que o próprio cliente traz, é, a gente pode acabar misturando com coisas que são nossas [...] era uma questão que tava ligada com a minha vida pessoal e eu não sabia e eu não soube reagir naquele momento. Talvez se eu já tivesse fazendo terapia naquela época eu soubesse conduzir [...] Então é importante, muito importante pra mim, eu acho que é importante, fundamental a terapia com processo de formação. Por que o processo de formação a gente tem que aten[...] a gente, é, tem que lidar com o atendimento, a gente tem que atender uma hora antes de se, de se formar. (PL)

As falas supracitadas dos estagiários evidenciam o entendimento destes de que a psicoterapia pode colaborar com a sua formação e atuação, contribuindo com as afirmações de Conte e Brandão (2012). Borges *et al.* (2019) em sua pesquisa com estagiários de Psicologia Clínica, apontam ainda, dentre os seus achados, que os estudantes podem sentir uma elevada expectativa e um sentimento de insegurança ao iniciar na prática clínica, eles identificam também que os estagiários se preocupam com a possível falta de habilidade para conduzirem a sessão, bem como com a dificuldade de conciliar a teoria com a prática.

Borges *et al.* (2019) afirma também que os estudantes relatam terem sentido ansiedade e confusão quando questionados sobre a vivência do primeiro atendimento. Em seu estudo foi possível identificar que os entrevistados apresentaram fatores dificultantes para o atendimento sentimentos como frustrações e ansiedades; a comunicação e o vínculo com o usuário e os fatores relacionados à intervenção e condução do atendimento. Por fim os autores apresentam a supervisão como um mecanismo de suporte para essas questões emergentes das práticas clínicas dos estagiários.

Falcone (2006), Xavier e Daltro (2015), Silva e Sales (2021) apontam divergências afirmando que essas e outras questões podem ser geradoras de demandas psicoterapêuticas nos estagiários e que a supervisão é limitada para tratar delas, sendo a psicoterapia um melhor contexto para abordá-las. (TSAI *et al.*, 2011).

Neste sentido, as falas dos colaboradores dessa pesquisa, corroboram com Borges *et al.*, (2019) ao manifestarem que a experiência da psicoterapia pode suprir demandas vivenciadas pelo psicoterapeuta iniciante, reconhecendo que de fato elas estão presentes na pessoa do estagiário, entretanto avançam colocando o espaço psicoterapêutico como possível de abarcar-las.

Nesse sentido, é possível compreender a psicoterapia como uma ferramenta útil para o desenvolvimento do psicoterapeuta, visto que esta pode servir de modelo para ele ao iniciar a sua atuação, como trazem Conte e Brandão (2012), pois a partir da interação com o seu

psicoterapeuta o estudante poderá ampliar seu repertório de experiências vividas, observando a atuação do profissional a sua frente ao longo do seu processo psicoterapêutico.

Para, além disso, o contato com a psicoterapia enquanto cliente, por si só, já é um fator promotor de mudanças para o psicoterapeuta iniciante, pois durante este processo ele poderá se desenvolver pessoal e profissionalmente, dimensões estas que se entrelaçam na vida do psicólogo. Pois, esta vivência possibilita ao estagiário um espaço para tratar com as questões emergentes da sua prática, adquirir habilidades e atitudes importantes para sua atuação, sendo relevante também para que o psicoterapeuta possa experimentar estar no lugar do cliente, vivenciando inclusive as melhorias advindas dela. (CALLIGARES, 2004; OTERO, 2012; SILVA; SALES, 2021).

Diante do exposto percebe-se que, para os estagiários entrevistados, a vivência da psicoterapia compõe a sua formação enquanto psicólogos. A literatura tem apontado um entendimento tal qual apresentado pelos estudantes, abarcando inclusive essa prática enquanto uma dimensão ética, como afirmam Silva e Sales (2021). Neste sentido, pode-se entender que a própria necessidade de fazer psicoterapia emerge durante a graduação, diante das mobilizações que ocorrem no decorrer do curso. Dessa forma, psicoterapia é reconhecida pelos estudantes como um complemento à sua formação sendo citada na literatura como um requisito, dada a sua importância e potencial colaborativo, para a graduação em Psicologia, em especial para aqueles que pretendem adentrar na prática clínica. (KICHILER; SERRALTA, 2014; XAVIER; DALTRO, 2015; SIVA; COELHO; PONTES, 2018; SILVA; SALES, 2021).

5.2.3 Autoconhecimento

Essa unidade corresponde à percepção dos entrevistados quanto ao reconhecimento do espaço psicoterapêutico, como um campo de introspecção e conhecimento pessoal a partir da interação com um psicoterapeuta. Os fenômenos podem ser descritos a partir das unidades de sentido constantes no Quadro 4:

Quadro 4: Unidades relacionadas em Autoconhecimento



Fonte: Autoria Própria

Tais unidades relacionam o autoconhecimento como fruto do processo psicoterápico, experienciados ou reconhecidos pelos entrevistados.

Então, autoconhecimento também, acho que esse batido né, mas ajudou muito no meu autoconhecimento [...] E na psicoterapia eu pude perceber que eu já tinha abraçado isso como conceito pra mim e foi lá que eu entendi que eu, que eu que tenho que formar meus próprios conceitos. Me entender como eu funciono e a partir disso me transformando, né, e me ajustando como eu posso. (DG)

[...] a resignificação de certas questões, isso é eu te falando do lado mais existencial da coisa, né. Pessoas que procuram pra lidar com questões mais existenciais, né. Pra resignificar, pra ter uma melhor qualidade de vida em questões mais patológicas também. [...] fazer com que a pessoa tenha esse encontro consigo mesma, porque em muita das vezes eu acho que as pessoas elas vivem com outros, com o mundo, mas não vivem consigo mesmas[...]. (MC)

Tais relatos traduzem as experiências de discentes estagiários de referenciais teóricos diferentes. Pode-se observar que existe o uso de termos específicos utilizados nas abordagens como resignificar, ajustamento, questões existenciais, que passam a fazer parte do modo de pensar e se expressar.

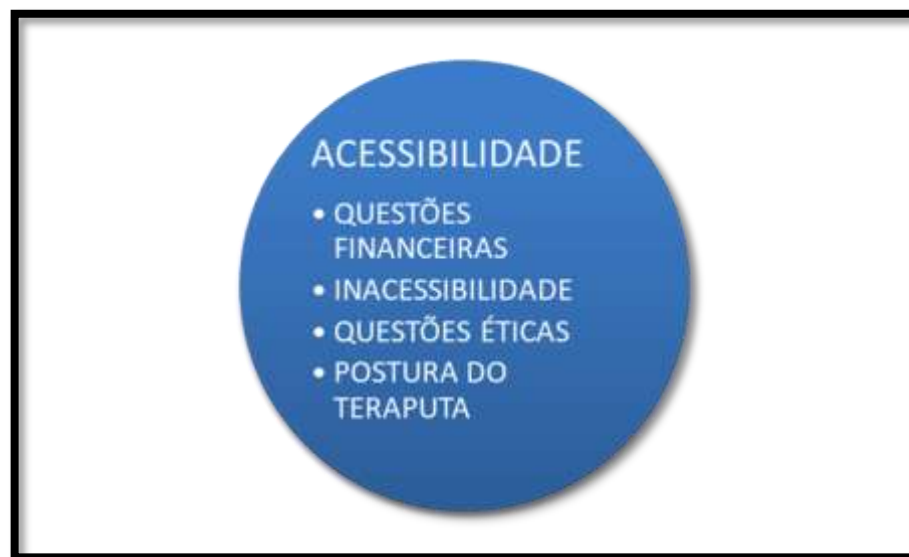
Estes resultados coadunam ainda com os achados apresentados por Mondardo Piovesan e Mantovani (2009) e Kichiler e Serralta (2014). Como já apresentado anteriormente, pois os estudantes entrevistados reconhecem o processo psicoterapêutico como um contexto para o desenvolvimento do sujeito e das suas habilidades, bem como um espaço de conhecimento das suas potencialidades e limitações.

Assim, retoma-se inclusive a relação apontada na categoria anterior que indicava a importância da psicoterapia na consolidação das vivências das unidades de sentido aqui compreendidas. Desta maneira, é possível perceber que as unidades de sentido apresentadas pelos participantes desta pesquisa, nesta categoria se relacionam de forma dialética tanto como substrato a experiência psicoterapêutica.

5.2.4 Acessibilidade

Ao serem questionados se fazem psicoterapia, apenas 2 (dois), dos entrevistados responderam positivamente. Contudo, 4 (quatro) deles, informaram já terem feito e interrompido. Assim, essa unidade objetiva relacionar as unidades de sentido que identificam a experiência dos estagiários na busca por um atendimento psicoterapêutico e sua percepção quanto as dificuldades encontradas para acessá-lo, como justificativa para não estarem em um processo psicoterapêutico. As unidades que se apresentam junto à acessibilidade estão ilustradas no Quadro 5:

Quadro 5: Unidades relacionadas em Acessibilidade



Fonte: Autoria Própria

Os participantes reconhecem a necessidade de realizar a psicoterapia, como já visto anteriormente na análise de outras unidades, considerando por vezes a própria graduação como um evento gerador desta mobilização. Neste cenário a questão financeira aparece fortemente marcada nas falas como uma barreira para a acessibilidade aos serviços de psicologia, o que reforça o caráter elitista que ainda pode estar vinculado. Neste sentido o

acesso ao serviço de Psicologia fora do contexto dos serviços-escola dificultam o acesso por daqueles que possuem vulnerabilidades financeiras. Ficando evidências nas seguintes a seguir (ALVES; FONTE; MARTINS, 2020).

Eu sempre quis fazer desde que entrei no curso, até porque é uma indicação dos professores, mas, e também porque ao longo desse percurso eu já tive necessidade mesmo, não só por ser aluna de psicologia, mas por questões pessoais. Mas a principal questão foi porque eu não consegui achar um serviço compatível com a minha situação econômica. Eu já achei serviços gratuitos, mas é, eu não consegui participar de nenhum, então, foi basicamente por essas razões, questões econômicas mesmo. (RR)

[...] fiz durante alguns meses na Clínica-escola [...] E aí não foi uma boa experiência assim pra mim, devido a umas questões éticas de como eu estava dentro da psicologia eu comecei a observar algumas coisas, alguns posicionamentos da terapeuta estagiária para comigo que eu não considerei mais éticas [...]Jeu optei por não ir atrás mais de clínicas-escola e esperar o momento em que eu tivesse oportunidade de tá pagando por um atendimento e tal. Saindo desse espaço de clínica-escola mesmo [...]. (SV)

De acordo com Silva e Yamamoto (2013), Benvenides e Lima Neto (2018), a prática da Psicologia Clínica se estabelece na sociedade brasileira atendendo a anseios das classes dominantes em um contexto de alto controle estatal e valorização dos espaços privados, reconhecendo que a Psicologia vem em um processo de reinvenção e desconstrução destes. Os autores apontam a formação como um caminho para essa mudança, bem como a ampliação das políticas públicas de acesso.

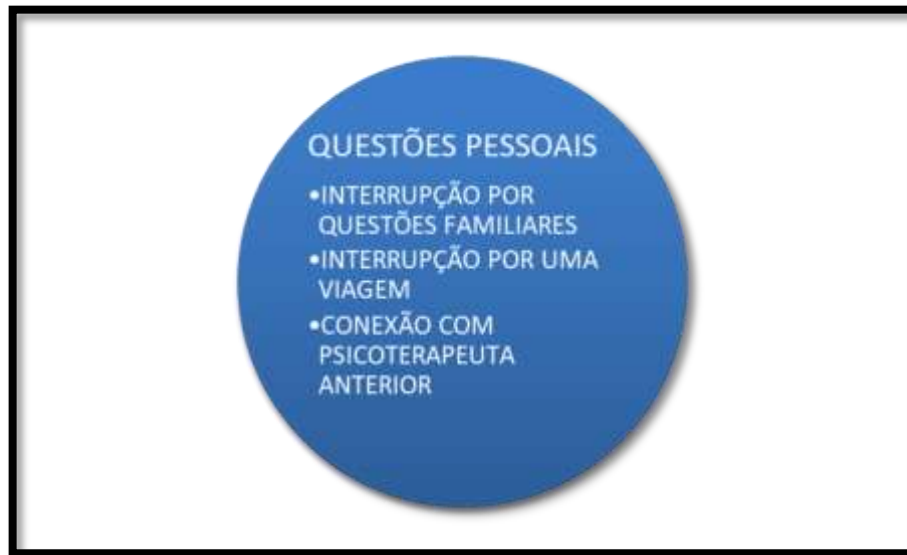
Corroborando ainda com a percepção dos entrevistados Benetti e Cunha (2008), juntamente com Alves, Fonte e Martins (2020) apontam que as características da instituição como no caso de clínicas-escola e serviços públicos de saúde, podem se constituir como um fator dificultante para o acesso e engajamento à psicoterapia. Sei e Colavin (2016), indicam em seu estudo que as questões concernentes ao terapeuta ou com a instituição, foram a maior causa de desistência da Psicoterapia, corroborando com os achados nesta pesquisa.

Pereira (2011) trata da importância da postura do psicoterapeuta, pois esta pode afetar o processo psicoterapêutico, sendo necessário que esta atitude seja desenvolvida durante o processo de supervisão e formação. O autor ainda destaca que essa postura passa necessariamente pelo zelo ao código de ética no exercício profissional.

5.2.5 Questões Pessoais

A presente unidade diz respeito às barreiras do próprio cliente para o engajamento em uma psicoterapia pessoal, sendo essa unidade de menor expressão dentre as unidades de sentido erigidas. Ela surge a partir das justificativas apresentadas pelos estudantes para a descontinuidade do processo psicoterapêutico sendo composta pelas outras unidades de sentido expressas no Quadro 6:

Quadro 6: Unidades relacionadas em Questões Pessoais



Fonte: Autoria Própria

Eu fiz até, acho que umas, já fiz algumas sessões [...] também por questões familiares, que aconteceram demandas que me tiraram do horário que eu tinha pra fazer [...] (BA)

A interrupção foi por conta, eu tava fazendo e fiz uma viagem e fiquei um tempo fora...eu demorei a retornar pra minha, pra psicóloga, né? Pra poder continuar e quando eu tornei pra ela, ela tava já com a agenda já cheia e eu não confirmei antes do prazo, então quando eu fui retornar já não dava mais, tava com a agenda lotada. E aí, eu não, eu não quis fazer com outra pessoa, né? Eu tava realmente, já tinha uma conexão boa com ela. (PH)

De acordo com as falas apresentadas é possível perceber que o processo de adesão à psicoterapia também pode ser afetada por questões diversas que não estejam relacionadas apenas à postura do psicoterapeuta, mas também ao vínculo estabelecido e outras justificativas, que podem se relacionar às dificuldades de se desnudar em um processo de autoconhecimento ou mesmo impedimentos mais concretos como dificuldade financeira.

A literatura sobre esse tema ilustra que a troca de psicoterapeuta tem grande influência na desistência do processo psicoterapêutico, para, além disso, questões difusas como mudança de logradouro e dificuldades de locomoção para a clínica/escola; que também aparece como

impacto na continuidade da psicoterapia. (BENETTI; CUNHA, 2008; SEI; COLAVAN, 2016; FARIAS; ALVES; VIEIRA, 2020)

A literatura aponta que o vínculo com o psicoterapeuta se constitui em uma condição necessária para o engajamento e sucesso da própria psicoterapia. Desse modo, fatores que dificultem o vínculo ou que levem ao rompimento deste, podem se tornar obstáculos para que o indivíduo esteja em psicoterapia. Neste sentido, os impactos experienciados pela troca de psicoterapeuta podem ser compreendidos dentro deste contexto (SEI; COLAVAN, 2016; COSTA *et al.*, 2020).

De forma geral, é possível afirmar que os relatos e as experiências dos discentes estagiários são amplos, possibilitando discussões que extrapolam os objetivos deste estudo. Sabe-se, entretanto, que essa é uma característica do método fenomenológico ao qual se propôs para a compreensão das vivências aqui apresentadas. Neste sentido, ao se considerar as discussões acima, é notório que o estágio curricular em Psicologia Clínica e a Psicoterapia Pessoal, constituem-se dimensões indispensáveis na formação do Psicólogo Clínico, não só pela força das regulamentações que instituem os processos formativos, mas pelas contribuições que ambos podem oferecer ao longo do processo de formação profissional ou pessoal, conforme aqui ficou evidenciado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa problematizou sobre a formação em Psicologia e os impactos incidentes sobre o estudante, em especial no momento em que ele inicia a sua atuação no estágio em Psicologia Clínica, estabelecendo relações com a psicoterapia pessoal. Desta forma, a investigação da formação em Psicologia e da prática Clínica, bem como o exame das possibilidades advindas da psicoterapia para a formação do psicólogo e a relação que se estabelece entre ela e o graduando estagiário na clínica psicológica, demonstraram-se elucidadas, porém, não esgotadas.

Outro ponto a ser destacado como relevante é que a experiência do estágio se constitui um fator relevante na formação e deve ser desenvolvida, ao longo da graduação, não somente ao final. Tal aproximação com as situações práticas da profissão revelaram-se como promotoras de mudanças no estagiário, pois lhes possibilita transitar da teoria para a prática, lhes proporcionando melhor desenvolvimento profissional.

De acordo com a percepção dos estagiários a psicoterapia pode ser vista como um espaço de acolhimento para o sofrimento e resolução de questões com os quais o indivíduo esteja lidando, bem como capaz de auxiliar o sujeito na busca do bem-estar psicossocial, o autocuidado e a estabilidade emocional. A psicoterapia também se apresentou como uma ferramenta para o estagiário em Clínica, pois, ao vivenciar esse processo o estagiário pode também aprender com o seu psicoterapeuta, observando os comportamentos adotados por ele durante o seu atendimento.

O contato com a psicoterapia enquanto cliente também é visto como um espaço profícuo para que o estudante possa lidar com as suas próprias questões e conflitos e buscar autoconhecimento. Contudo, também fica evidenciado que o acesso à psicoterapia pode ser inviabilizado por questões financeiras e dificuldades de se inserir serviços gratuitos e de baixo custo.

Outros fatores apontados como dificultantes neste contexto referem-se à postura do psicoterapeuta, pois tais serviços podem ser compostos por profissionais estagiários e ou inexperientes, bem como serem revestidos de uma burocracia que impactam na adesão à psicoterapia. Para, além disso, questões pessoais também podem afetar a adesão à psicoterapia na percepção dos estagiários, com destaque para o vínculo terapêutico.

Deste modo, pode-se concluir que os estagiários percebem a psicoterapia como uma experiência importante para a sua formação e atuação profissional no contexto da Psicologia Clínica, proporcionando o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais impactando diretamente no êxito do seu exercício profissional. Sendo reconhecida como uma etapa essencial para o profissional da Psicologia, abarcando não só a dimensão acadêmica e profissional, mas também a pessoal, propiciando o suporte necessário para lidar com os impactos advindos da atuação.

Diante disso, ressalta-se que o presente estudo alcançou os objetivos propostos apresentando fenômenos que não esgotam o objeto em questão, mas pavimentam o caminho na construção do conhecimento sobre a formação do psicólogo. Apesar disso, observa-se como limitações o público-alvo, pois este contempla apenas estagiários de uma universidade pública. Outra limitação para o presente estudo foi o momento no qual este foi realizado, pois a pandemia da Covid-19, conforme citado anteriormente, provocou mudanças em todos os contextos sociais afetando o andamento desta pesquisa e limitando as possibilidades da ida ao campo.

Espera-se que outros estudos possam ampliar as reflexões trazidas aqui e contemplar as demais instituições do estado que já possuem graduandos estagiários e quem sabe em

regiões diferentes do país, a fim de encontrar novas evidências. Entende-se que os resultados desse estudo podem colaborar para pensar a formação em Psicologia na UFMA a partir da experiência daqueles que são o objetivo e o sentido de uma formação, seus discentes e suas vivências com as atividades de estágio.

Ao findar essa pesquisa é importante ressaltar que o trajeto do pesquisador é atravessado por desafios inerentes a este campo de atuação, tais como dificuldade de acesso a matérias de leitura, a recursos tecnológicos para a produção dos textos da pesquisa, disponibilidade de tempo para dedicação ao projeto proposto e questões pessoais que por vezes tornam essa vivência amarga e pesada, contudo ao chegar neste ponto, estes percalços se traduzem em sentimentos de realização pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

- ABIB, J. A. D. Epistemologia Pluralizada e história da psicologia. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p.195-208, 2009.
- ABDALLA, Ively Guimarães; BATISTA, Sylvia Helena; BATISTA, Nildo Alves. Desafios do Ensino de Psicologia Clínica em Cursos de Psicologia. **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 4, n. 28, p. 806-8019, 2008.
- ALVES, Sônia Pimentel; FONTE, Carla Alexandra; MARTINS, Libânia Sofia Mendes. Abandono do Tratamento em Psicoterapia: fatores sociodemográficos, institucionais e clínicos. **Contextos Clínicos**, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 36-59, 23 jul. 2020. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2020.131.03>>
- ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 2, n. 27, p. 259-268, jun. 2010. Trimestral.
- ANTUNES, M. A. M. A Psicologia no Brasil: Um Ensaio Sobre suas Contradições. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, p.44-65, 2012.
- ANTUNES, M. A. M. **A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição**. 5. ed. São Paulo: Educ, 2014. 94 p.
- BASTOS, A. V. B.; GOMIDE, P. I. C. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 9, n. 1, p.6-15, 1989.
- BENETTI, Silvia P. C.; CUNHA, Tatiane R. S.. Abandono de tratamento psicoterápico: implicações para a prática clínica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Si, v. 60, n. 2, p. 48-59, 2008.
- BENEVIDES, Pablo Severiano; LIMA NETO, Valdir Barbosa. ENTRE O CREPÚSCULO E A AURORA: uma arqueogenealogia da crise e dos ressurgimentos da clínica psicológica. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 113-122, 2019.
- BENJAMIM, Alfred. Condições. In: BENJAMIM, Alfred. **A Entrevista de Ajuda**. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Cap. 1. p. 19-28.
- BERNARDES, Jefferson de Souza. A Formação em Psicologia Após 50 Anos do Primeiro Currículo Nacional da Psicologia: alguns desafios atuais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Sn, v. 32, p. 216-231, 2012.
- BORGES, C. D.; GLIDDEN, R. F.; BISEWSKI, B.; CORRÊA, C. F. Z.; ZASTROW, C. F. As experiências do estágio clínico na perspectiva de acadêmicos de Psicologia. **Revista Labor**, v. 1, n. 21, p. 56-75, 4 abr. 2019.
- CARDOSO, Gabriel de Melo. **Psicoterapia como prática privativa de Psicólogos**. 2018. Disponível em: <<https://comportese.com/2018/02/10/psicoterapia-como-pratica-privativa-de-psicologos#:~:text=Proposta%20legislativa&text=Em%20diversos%20pa%C3%ADses%2C%20a%20Psicoterapia,como%20pr%C3%A1tica%20privativa%20de%20Psic%C3%B3logos>>.

&text=Por%20isso%2C%C3%A9%20fundamental%20a,pr%C3%A1tica%20privativa%20do s%20Psic%C3%B3logos.">. Acesso em: 21 fev. 2021.

CALLIGARES, C. **Cartas a um jovem terapeuta**: Reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. Cap. 5. p. 27-31.

CARNEIRO, A. A.; TEIXEIRA, C. M. Avaliação de Habilidades Sociais em alunos de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão. **Psicologia, Ensino & Formação**, v. 2, n. 1, p.43-56, 2011.

CARVALHO, Cristianne Almeida. **Para além do tempo regulamentar**: uma narrativa sobre a história da psicologia do esporte no brasil. 2012. 240 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Cap. 1.

CARVALHO, Cristianne Almeida et al. **O processo de formação em Psicologia no Maranhão**: Impactos e consequências na atuação profissional. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2019. 28 p.

CARVALHO, H. M. de; MATOS, P. M. Ser e Tornar-se Psicoterapeuta Parte I: Diálogo entre Experiências Pessoais e Profissionais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 1, p.80-95, 2011.

COLOMBANI, Fabiola; MARTINS, Raul Aragão. O movimento higienista como política pública: aspectos históricos e atuais da medicalização escolar no brasil. **Revista On Line de Política e Gestão Educacional**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 278-295, 30 abr. 2017. Revista Eletronica Política e Gestao Educacional. <http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v21.n1.2017.9788>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 10/00, de 20 de dezembro de 2000**. Especifica e qualifica a Psicoterapia como prática do Psicólogo. Brasília, DF, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **ANO DA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: REVISÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA OS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução nº 8, de 07 de maio de 2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais Para Os Cursos de Graduação em Psicologia. Brasília, DF, 2004.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução nº 5, de 15 de março de 2011**. Diretrizes Curriculares Nacionais Para Os Cursos de Graduação em Psicologia. Brasília, DF, 2011.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília, DF.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO (São Paulo) (Org.). **Exposição 50 anos da Psicologia no Brasil: A História da Psicologia no Brasil**. São Paulo: CRP-SP, 211. 24 p.

CONTE, F. C. de S.; BRANDÃO, M. Z. da S. Eventos a que o clínico analítico comportamental deve atentar nos primeiros encontros: das vestimentas aos relatos e

comportamentos clinicamente relevantes. In: BORGES, N. B.; CASSAS, F. A. (Org.). **Clínica Analítico-comportamental: Aspectos teóricos e práticos**. São Paulo: Artmed, 2012. Cap. 13, p. 133.

COSTA, Jedaías da Costa e et al. O Vínculo Terapêutico como Ferramenta Efetiva para a Terapia Psicanalítica. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, v. 24, n. 1, p. 1-19, jan/jun. 2020. Semestral.

COUTINHO, Joana et al. Versão portuguesa da Escala de Dificuldades de Regulação Emocional e sua relação com sintomas psicopatológicos. **Rev. Psiq. Clin.**, Si, v. 37, n. 4, p. 145-151, 2010.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Tradução: ROSA, S. M. Porto Alegre: Penso, 2014. 335 p.

DAMASCENO, N. F. P. et al. Formação em Psicologia: o processo histórico e a análise de um projeto político pedagógico. **Interfaces da Educação**, v. 7, n. 21, p.243-264, 2016.

DANELON, Ildomar Ambos. **A comunidade no mundo hipermoderno: um jeito de devolver a deus o que é de deus**. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Teologia Sistemática, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Cap. 1.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P.; CASTELO BRANCO, U. V. Competência Social na formação do psicólogo. **Paidéia**, v. 2, n. 1, p.40-50, 1992.

DUTRA, E. **Parâmetros técnicos e éticos para a formação do psicoterapeuta: alguns apontamentos**. 2009. Disponível em: <http://www.crpssp.org.br/psicoterapia/textos_5.aspx>. Acesso em: 07 de maio 2018

EWALD, Ariane Patricia; MOURA, Michelle Thieme de Carvalho; GOULART, Samira Meletti da Silva. Contemporaneidade e sofrimento psíquico: contemporaneidade e sofrimento psíquico. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 30, n. 68, p. 119-129, mar. 2012. Trimestral.

FALCONE, E. M. de O. A dor e a delícia de ser terapeuta: considerações sobre o impacto da psicoterapia na pessoa do profissional de ajuda. In: GUILHARDI, H. J.; AGUIRRE, N. C. de (Org.). **Sobre Comportamento e Cognição: expondo a variabilidade**, Volume 17. Santo André: Esetec, 2006. Cap. 16. p. 135-145.

FARIAS, Isabela Cedro; ALVES, Samara Vasconcelos; VIEIRA, Camilla Araújo Lopes. O que (não) dizem as entrelinhas: análise dos casos de abandono de uma clínica-escola em psicologia. **Interação em Psicologia**, S.I., v. 24, n. 3, p. 230-238, 2020.

FEIJOO, A. M. L. C. de; GOTO, T. A. É possível a Fenomenologia de Husserl como método de pesquisa em Psicologia? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 4, p.1-9, 2016.

FERNANDES, S. R. F.; SEIXAS, P. de S.; YAMAMOTO, O. H. Psicologia e concepções de formação generalista. **Revista Psicologia da Educação**, v. 1, n. 47, p.57-66, 2018.

GIORGI, Amedeo. Some Theoretical and Practical Issues Regarding the Psychological Phenomenological Method. **Saybrook Review**, n. 7, p. 71-85, 1989. Tradução de VERA

Maria Mareira Kude, Doutora em Educação; Professora da Faculdade de Educação e da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Publicação em português autorizada pelo autor.

GOMES, José Roberto; PINTO, Valmir Flores. 50 anos da Lei nº 5.540/68 da reforma universitária: o que há para comemorar? **Evista Ensino de Ciências e Humanidades: Cidadania, Diversidade e Bem Estar**, Manaus, v. 1, n. 1, p. 429-446, dez. 2017.

GOMES, W. B. História da psicologia para curso de graduação. In: FREITAS, R. H. (Org.) **História da psicologia: pesquisa, formação, ensino** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 114-124, 2008.

GUERRA, C. T. Conhecimento psicológico e formação de professores. In: AZZI, R. G.; BATISTA, S. H. S. da S.; SADALLA, A. M. F. de A. **Formação de Professores: discutindo o ensino da Psicologia**. Campinas: Alínea, 2000. Cap. 3. p. 69-96.

GUIMARAES, Aquiles Cortes. Aproximação aos conceitos básicos da fenomenologia. Cadernos da EMARF: **Fenomenologia e Direito**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 35 – 46, abr./set. 2013. Semestral.

HELLER, D. C. L. A psicoterapia do terapeuta: considerações a respeito da formação do futuro terapeuta. In: GUILHARDI, H. J.; AGUIRRE, N. C. de (Org.). **Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a variabilidade**, Volume 17. Santo André: Esetec, 2006. Cap. 13. p. 107-109.

HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, p.363-372, 2006.

JACÓ-VILELA, Ana Maria Jacó. Concepções de pessoa e a emergência indivíduo moderno. **Interações**, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 11-39, jul - dez. 2001. Semestral

JACÓ-VILELA, A. M. J. História da Psicologia no Brasil: Uma Narrativa por meio de seu ensino. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, p. 28-43, 2012.

JAPUR, Marisa. Formação em Psicologia: análise dos aspectos estruturais de um curso de graduação. **Paidéia**, Ribeirão Preto, p. 131-148, ago. 1996. Semestral.

KICHLER, G. F.; SERRALTA, F. B. As Implicações da Psicoterapia Pessoal na Formação em Psicologia. **Psico**, São Leopoldo, v. 45, n. 1, p.55-64, 2014.

KOHLBERG, R. J.; KOHLBERG, B.; TSAI, M. Intimidade. Tradução: CONTE, F. C. de S.; BRANDÃO, M. Z. In: TSAI, M. et al. **Um guia para a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP): consciência, coragem, amor e behaviorismo**. Santo André: Esetec, 2011. Cap. 6. p. 171-186.

KOPKO, Gabi. Beribéri: entenda a doença causada pela falta de vitamina b1. **Entenda a doença causada pela falta de vitamina B1**. 2016. Disponível em:< <http://www.blog.saude.gov.br/oo1x8s>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LIMA, L. de P. Psicoterapia para psicoterapeutas: luxo, obrigação ou necessidade? **Revista Igt na Rede**, v. 13, n. 24, p.60-54, 2016.

LISBOA, F. S.; BARBOSA, A. J. G. Formação em Psicologia no Brasil: Um Perfil dos Cursos de Graduação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n. 4, p.718-737, 2009.

LUCENA-SANTOS, Paola; PINTO-GOUVEIA, José; OLIVEIRA, Margareth da Silva. Primeira, Segunda e Terceira Geração de Terapias Comportamentais. In: LUCENA-SANTOS, Paola et al (org.). **Terapias comportamentais de terceira geração: guia para profissionais**. Nova Hamburgo: Sinopsys, 2015. Cap. 1. p. 29-58.

MAGALHÃES, K. A.; LUZIA, J. C.; DALMAS, J. C. Análise correlacional entre repertório em habilidades sociais em terapeutas iniciantes e o estabelecimento da relação terapeutica. In: BRANDÃO, M. Z. da S. et al. **Sobre Comportamento e Cognição: contingências e metacontingências: contextos socioverbais e o comportamento do terapeuta**, Volume 13. Santo André: Esetec, 2004. Cap. 39. p. 391-401.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 320 p.

MASSIMI, M. Ideias psicológicas na cultura luso-brasileira, do século XVI ao século XVIII. In: VILELA, A. M. J.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. (Org.) **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2005. Cap. 3. p. 75-84.

MASSIMI, M. O processo de institucionalização do saber psicológico no Brasil do século XIX. In: VILELA, A. M. J.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. (Org.) **História da Psicologia: Rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2005. Cap. 9. p. 159-168.

MASSIMI, M. Estudos históricos acerca da psicologia brasileira: uma contribuição. In: FREITAS, R. H. (Org.) **História da psicologia: pesquisa, formação, ensino** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 69-83.

MASSIMI, M.; CAMPOS, R. H. de F.; BROZEK, J. História da Psicologia: métodos. In: FREITAS, R. H. (Org.) **História da psicologia: pesquisa, formação, ensino** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 21-48.

MEIRA, C. H. M. G.; NUNES, M. L. T. Psicologia Clínica, Psicopsicoterapia e o estudante de Psicologia. **Paidéia**, v. 32, n. 15, p.339-343, dez. 2005.

MELO, J. S. **Psicólogo-professor: conhecendo a inserção dos psicólogos na docência do Ensino Superior em Psicologia no Maranhão**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado, Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Sobre a doença**. 2020. Disponível em:< <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#como-se-proteger>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MONDARDO, Anelise Hauschild; PIOVESAN, Laís; MANTOVANI, Paulina Cecilia. A percepção do paciente quanto ao processo de mudança psicoterápica. **Aletheia**, Canoas, n. 30, p. 158-171, 2009. Semestral.

MONTEIRO, Denise Barcellos da Rocha; JACÓ-VILELA, Ana Maria. Fios, sedução e olhares: os primórdios "psis" nas terapias para corpos e mentes perturbados. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco. **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2005. Cap. 8. p. 141-158.

MORANDO, Eunice Maria Godinho; SCHMITT, Juliana Campos; FERREIRA, Maria Elisa Caputo. Envelhecimento, autocuidado e memória: intervenção como estratégia de prevenção. **Revista Kairós: Gerontologia**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 353-374, 30 jun. 2017. Portal de Revistas PUC SP. <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901x.2017v20i2p353-374>.

MOREIRA, Daniel Augusto. Algumas Variantes do Método Fenomenológico na Pesquisa Empírica. In: MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thonson, 2002. p. 117-125.

MOREIRA, J. de O.; ROMAGNOLI, R. C.; NEVES, E. de O. O Surgimento da Clínica Psicológica: Da Prática Curativa aos Dispositivos de Promoção da Saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 4, p. 608-621, 2007.

MOTA, Ana Bárbara Couceiro. **O autocuidado do psicólogo clínico: equilíbrio entre a vida pessoal e profissional**. 2017. 60 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Integrado em Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Folha informativa COVID-19 - Brasil. 2020**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

OTERO, Vera Regina Lignelli. Considerações sobre valores pessoais e a prática do psicólogo clínico. In: BORGES, N. B.; CASSAS, F. A. (Org.). **Clínica Analítico-comportamental: Aspectos teóricos e práticos**. São Paulo: Artmed, 2012. Cap. 22, p. 200.

PEREIRA, Rubens Antônio. Sobre os fatores externos. In: PEREIRA, Rubens Antônio. **As cenas temidas do psicoterapeuta iniciante**. São Paulo: Ágora, 2011. Cap. 3. p. 71-84.

QUAYLE, Julieta. Reflexões sobre a formação do psicólogo em psicoterapia: estado da arte e desafios. **Psicologia: ensino e formação**, v. 1, n. 1, p. 99-110, 2010.

Rezende, J. M. de. (2010). TERAPIA, TERAPÊUTICA, TRATAMENTO. **Revista De Patologia Tropical / Journal of Tropical Pathology**, 39(2), 149-150. <https://doi.org/10.5216/rpt.v39i2.10734>

RIBEIRO, J. P. A Psicoterapia. In: RIBEIRO, J. P. **Psicoterapia: teorias e técnicas psicoterapêuticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2013. Cap. 2. p. 35-82.

ROGERS, C. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU. 1983.

RUDÁ, C.; COUTINHO, D.; ALMEIDA-FILHO, N. (2015). Formação em psicologia no Brasil: o período do currículo mínimo (1962-2004). **Memorandum**, 29, 59-85. Recuperado em 11 de Fevereiro, 2021, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/a29/rudacoutinhoalmeidafilho01

SALVADOR, C. C. et al. Psicologia do Ensino. Tradução: OLIVEIRA, C. M. de. In: SALVADOR, C. C. et al. **A psicologia da educação e a psicologia do ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 21-51.

SANTOS, Karine David Andrade; SILVA, Joilson Pereira da; ESPINOSA, Leonor María Cantera. Autocuidado das Profissionais da Assistência a Mulheres Vítimas de Violência. **Revista de Psicologia da Imed, Passo Fundo**, v. 12, n. 2, p. 22-37, dez. 2020. Semestral.

SASS, Simeão Donizeti. O método compreensivo na obra de Dilthey. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 31, n. 53, p. 536-557, 8 ago. 2019. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. <http://dx.doi.org/10.7213/1980-5934.31.053.ds09>.

SCHNEIDER, D. R. **Novas perspectivas para a psicologia clínica**: um estudo a partir da obra "Saint Genet: comédien et martyr" de Jean-Paul Sartre. 2002. 338 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

SEI, Máira Bonafé; COLAVIN, João Rafael Pimentel. Desistência e abandono da psicoterapia em um serviço-escola de Psicologia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Si, v. 18, n. 2, p. 37-49, ago. 2016.

SILVA, Clarissa de Andrade e; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime;. As Políticas Sociais na Formação Graduada do Psicólogo no Piauí. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Si, v. 33, n. 4, p. 824-839, 2013.

SILVA, José Antonio Pereira da; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; PONTES, Suely Aires. Estágio supervisionado em Psicologia Clínica com orientação psicanalítica: uma revisão de literatura. **Psicologia. Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 35, p. 1-10, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e35433>.

SILVA, Samara Louyse Medino da; SALES, Roberto Lopes. A importância da psicoterapia na construção do psicoterapeuta: contribuições da gestalt-terapia. **Contribuições da Gestalt-terapia**. 2021. Disponível em: <<http://openrit.grupotiradentes.com:8080/xmlui/handle/set/3640>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

SILVEIRA, Jucimara Zacarias Martins. **Bem estar subjetivo e bem-estar psicológico**: avaliação e intervenção em profissionais da segurança pública. 2020. 247 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas, 2020.

SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30 p. 8-41, 2010.

TEIXEIRA, M. O. L.; RAMOS, F. A. de C. As origens do alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre o Hospício de Pedro II. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 15, n. 2, p. 364-381, 2012

TRAVASSOS, R.; MOURÃO, L. Lacunas de Competências de Egressos do Curso Psicologia na Visão dos Docentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 2, p. 233-248, 2018.

TSAI, M. et al. **Supervisão e Desenvolvimento Pessoal do Terapeuta**. Tradução: CONTE, F. C. de S.; BRANDÃO, M. Z. da S. In: TSAI, M. et al. **Um guia para a Psicopsicoterapia Analítica Funcional (FAP)**: consciência, coragem, amor e behaviorismo. Santo André: Esetec, 2011. Cap. 8. p. 211-248.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA. **Resolução nº 1212, de 24 de novembro de 2014**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 24 nov. 2014. CONSEPE.

VAZ, Filipa Joana da Silva Machado. **Diferenciação e regulação emocional na idade adulta**: tradução e validação de dois instrumentos de avaliação para a população portuguesa.

2009. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia, Universidade do Minho, Si, 2009.

VELHO, Catarina Marques da Silveira Vaz. **Bem estar, regulação de necessidades psicológicas e processo psicoterapêutico**: integrando a perspectiva dos pacientes. 2016. 240 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Psicologia Clínica, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

VELLOSO, E. D. Psicologia clínica no Brasil. **Arq. Bras. de Psic.**, v. 34, n. 1, p.31-36, 1982.

WIELENSKA, R. C. A investigação de alguns aspectos da relação terapeuta-cliente em sessões de supervisão. **Revista brasileira de psicoterapia comportamental e cognitiva**, v. 2, n. 1, p.9-19, 2000.

XAVIER, Luanna Pereira de Lima Carvalho; DALTRO, Mônica Ramos. Reflexões sobre as práticas de autocuidado realizadas por psicólogos(as). **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 1, n. 4, p. 50-58, 2015.

ZANELLI, J. C.; BASTOS, A. V. B.; RODRIGUES, A. C. A. Campo profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Cap. 15. p. 549-582.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista

Dados pessoais

1. Nome:

2. Data de nascimento _____

3. Data de início na graduação em Psicologia:

4. Previsão de conclusão:

5. Qual seu Semestre atual?

8 () 9 () () 10 () Indefinido

Dados sobre estágio:

9. Em qual fase do estágio você se encontra?

a) Especifico I () b) Especifico II () c) Especifico III ()

10. Qual abordagem teórico-metodológica do estágio: _____

11. Caso tenha alterado a abordagem em algum semestre, especifique:

12. Você fez estágio curricular ou extracurricular em outras áreas??

() sim () não

Em caso afirmativo: Especifique qual área e período.

SOBRE PSICOTERAPIA

13. O que você entende por psicoterapia?

14. Você faz psicoterapia?

Sim () Não ()

Em caso afirmativo, há qto tempo? _____

Em caso negativo? Explique suas razões: _____

15. Quais suas impressões sobre a psicoterapia e o seu processo de formação?

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Conforme disposto na Resolução do CNS 510/2016 e na Resolução do CNS 466/2012, você é convidado (a) a participar, como voluntário (a), desta pesquisa acadêmica do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia (PPGPSI) pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, que tem como objetivo investigar psicoterapia como ferramenta para a formação em Psicologia e suas contribuições para a atuação profissional na área clínica a partir dos discentes estagiários de Psicologia. Está vinculada ao Projeto de Pesquisa Demandas psicossociais e contextualização dos cursos de Psicologia no Maranhão aprovado pelo parecer do CEP nº 1.189.444 com CAAC. nº 45795214.5.0000.5087.

A sua participação é voluntária e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional, bem como a recusa em participar não acarretará qualquer custos, penalidade ou perda de benefícios. Você pode recusar-se ou interromper sua participação a qualquer momento. Seguindo as recomendações das legislações nacionais e Autoridades de Saúde, a fim de evitar a disseminação do Corona vírus, as entrevistas ocorrerão na modalidade *on-line* em plataforma a ser definida entre o entrevistador e o participante.

O pesquisador garantirá o sigilo do seu nome e das informações pessoais coletadas, mas ao aceitar participar concorda que os resultados finais poderão ser apresentados na forma de trabalho de conclusão de curso, artigos e outros eventos ou publicações científicas. Em caso de dúvidas sobre questões éticas relativas à pesquisa, você poderá entrar em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da UFMA (CEP-UFMA): Campus Universitário do Bacanga – Prédio CEB Velho - Av. dos Portugueses, s/n - São Luís/MA - CEP: 65085-580 - Fone (98) 3272-8708 - e-mail: cepufma@ufma.br.

Eu, _____, portador do CPF _____, declaro-me ciente e de pleno acordo em participar voluntariamente do estudo e autorizo o uso científico dos resultados, que os resultados obtidos farão parte do trabalho de dissertação do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, sob a supervisão da professora orientadora Cristianne Almeida Carvalho. Recebi uma cópia deste TCLE e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Luis, _____ de _____ de 2020

Assinatura e e-mail do participante

Josman Raimundo de Sousa Junior (josman.junior@gmail.com)
Mestrando – PPGPSI, Universidade Federal do Maranhão

ANEXO I



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

OFÍCIO COPSI 003/2020

São Luís, 04 de abril de 2020.

Ao Mestrando Josman Raimundo de Sousa Júnior,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI-UFMA).

Assunto: Autorização institucional para a realização de pesquisa com estudantes do Curso de Graduação em Psicologia.

Caro Sr. Josman Raimundo de Sousa Júnior,

Eu, Cláudia Aline Soares Monteiro, Coordenadora Pró Tempore do Curso de Graduação em Psicologia da UFMA, autorizo a realização da sua pesquisa intitulada **A Psicoterapia Pessoal na Formação em Psicologia: Um Olhar sobre Estagiários em Psicologia Clínica**, a ser executada junto a estagiárias/os de Psicologia Clínica do referido, sob a orientação da Profa. Dra. Cristianne Almeida Carvalho. Especificamente, autorizo a execução de entrevistas e o uso das informações colhidas para fins acadêmicos da sua dissertação do Mestrado, bem como em publicações futuras, sob a forma de artigo científico, confiando de que os dados coletados de alunas/os e desta instituição serão utilizados tão somente para a realização desse estudo e seus desdobramentos acadêmico-científicos, mantendo sigilo e cuidados conforme as prerrogativas éticas de pesquisa envolvendo seres humanos, conforme determina o item III.2 "i" da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) nº 466, de 12 de dezembro de 2012 além das regulamentações da profissão.

Atenciosamente,

Prof.ª Dra. Cláudia Aline Soares Monteiro

Coordenadora Pro Tempore do Curso de Graduação em Psicologia

ANEXO II

À Profa. Dra. Rosana Mendes Éleres de Figueiredo Coordenadora de Estágio do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Eu, Josman Raimundo de Sousa Junior, aluno do Programa de Pós-Graduação em Psicologia-UFMA, matrícula 2018104742, sob orientação da Profª. Drª. Cristianne Almeida Carvalho venho por meio desta, solicitar algumas informações sobre a conjectura atual do estágio supervisionado do curso de Psicologia da UFMA, a fim de que estes dados venham a compor a minha pesquisa e basear a etapa de levantamento de dados.

Minha pesquisa tem como título "A Psicoterapia Pessoal na Formação em Psicologia: Um olhar sobre estagiários em psicologia clínica" e como objetivo investigar sobre a formação em psicologia e a prática clínica e o lugar da psicoterapia a partir da perspectiva dos estagiários, para tanto propõe na sua metodologia entrevistas nesta instituição no curso de Psicologia de acordo com os critérios delimitados.

Deste modo, solicito saber o quantitativo de estagiários em cada uma das áreas de estágio específico de 2015 a 2020, considerando especificar a distribuição feita entre as abordagens psicológicas, na área clínica, se houver.

Desde já, agradeço pela colaboração e disponibilidade.

São Luís, 23 de setembro de 2020.


Josman Raimundo de Sousa Junior


Cristianne Almeida Carvalho

ANEXO III



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DE ESTÁGIO

Of nº 06/2020 – CODERESTAGIO/UFMA

São Luís, 28 de setembro de 2020.

Ao Senhor Josman R. de Sousa Junior, discente do PPGPsi
c/c

Profª Drª Cristianne Almeida Carvalho, orientadora do discente e professor do PPPGPsí

Ao lhes cumprimentar, venho atender solicitação formulada a esta Coordenadoria de Estágio, em 23/09/2020. Ressalto que, o Projeto Político Pedagógico do curso de Psicologia da UFMA definiu duas ênfases para o curso, são elas: Processos Clínicos e da Saúde e Processos Psicossociais. As informações solicitadas estão organizadas em dois Quadros por ênfase, que apresentam a descrição quantitativa por abordagem, por área de estágio e por supervisor(a) docente, nos períodos de 2018.1 a 2020.1.

O Quadro 1 abaixo, apresenta os dados da ênfase dos Processos Clínicos e da Saúde.

Quadro 1 - Quadro de Supervisores por Área de Atuação - 2018.1 a 2020.1 - ÊNFASE DOS PROCESSOS CLÍNICOS E DA SAÚDE.

Área	Abordagem	Supervisor	2018.1	2018.2	2019.1	2019.2	2020.1
Clínica							
	AC	Catarina Malcher	4	3	5	4	6
	ACP	Carlos Leal	4	7	7	5	6
	Fenomenológica	Jean Marlos	5	4	5	4	5
	Fenomenológica	Jadir Lessa	3	6	5	5	5
	Psicanálise	Julia Maciel	0	2	1	5	5
	Logoterapia	Francisca Cruz	3	0	0	0	0
	AC	Nazaré Costa/Viviane Santos	2	2	0	0	0
	Esquizoanálise	Márcio Costa/Simony Faria*	0	4	6	6	5
	Psicanálise	Valéria Lameira	4	0	0	0	0
	Gest. Terap.	Wanderlea Bandeira	0	6	5	5	1
Total de Estagiários da Clínica			25	34	34	34	33
Saúde							
	Psicanálise	Conceição Furtado	3	6	3	1	3
	Psicodinâmica	Jena Hanay Araújo	8	5	5	8	8
Total de Estagiários da Saúde			11	11	8	9	11
Total de Estagiários da Ênfase Clínica e Saúde			36	44	42	43	44



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DE ESTÁGIO

Em relação à abordagem informada dos professores Marcio Costa e Simony Faria aproveito para elucidar que a Professora Simony possui como referencial teórico a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), mas na condição de substituta, assumiu a supervisão dos estagiários do Professor Márcio Costa que adota a Esquizoanálise como referencial de análise de homem e de mundo.

O Quadro 2 apresenta as mesmas informações do Quadro 1, contudo, relativas à ênfase dos Processos Psicossociais.

Quadro 2 - Quadro de Supervisores por Área de Atuação - 2018.1 a 2020.1 - ÊNFASE DOS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS

ÊNFASE PSICOSSOCIAL							
Área	Abordagem	Supervisor	2018.1	2018.2	2019.1	2019.2	2020.1
Social Comunitária	ACP	Claudia Aline Monteiro	6	8	5	6	14
Organizacional	AC	Alex Mesquita/Heitor Oliveira	2	12	0	2	2
Escolar	Sócio Histórica	Maria Áurea Silva	5	5	5	0	1
	AC	Rosana Figueiredo/Natália	1	4	4	4	4
Jurídica	AC	Francisca Silveira	6	11	6	5	8
Esporte	Fenomenológica	Cristianne Carvalho	0	1	1	1	1
Total de Estagiários da Ênfase de Psicossocial			20	41	21	18	30

Enfatizando que AC e ACP são abreviaturas correntes para as abordagens Análise do Comportamento e Abordagem Centrada na Pessoa, respectivamente.

Aproveito a oportunidade para informar-lhes que assumi a Coordenação de Estágio em maio de 2018.1, quando do meu retorno do doutorado, portanto, os dados referentes aos anos de 2015 à 2017 podem estar organizados com as coordenadoras anteriores, contudo, nesse momento, com a rapidez que vocês desejam, esta coordenadoria não poderá lhes atender.

Coloco-me à disposição para quaisquer outras informações pertinentes à dinâmica do Estágio Curricular Obrigatório e Específico do Curso de Psicologia da UFMA, no período de 2018 a 2020.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Rosana Mendes Éleres de Figueiredo

Coordenadora de Estágio Obrigatório

DEPSI/COPSI/UFMA